UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM MUSEOLOGIA

Luciene Aranha Abrunhosa

O Mackenzie Passou por Aqui: Reconstruindo trajetórias na cidade de São Paulo a partir do acervo do Centro Histórico e Cultural Mackenzie

São Paulo

2022

Luciene Aranha Abrunhosa

O Mackenzie passou por aqui: Reconstruindo trajetórias na cidade de São Paulo a partir do acervo do Centro Histórico e Cultural Mackenzie

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Museologia.

Área de Concentração: Museologia

Orientadora: Prof.ª Drª Clarissa Maria Rosa Gagliardi

Linha de pesquisa: Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos: salvaguarda e comunicação.

Versão Revisada
A versão original encontra-se disponível no MAE/USP

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Aranha Abrunhosa, Luciene
O Mackenzie passou por aqui: Reconstruindo trajetórias na cidade de São Paulo a partir do acervo do Centro Histórico e Cultural Mackenzie / Luciene Aranha Abrunhosa; orientadora Clarissa Maria Rosa Gagliardi. -- São Paulo, 2022.
105 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Museologia . 2. Centros de Memória. 3. Roteiro Turístico. 4. Centro Histórico Cultural Mackenzie. I. Maria Rosa Gagliardi, Clarissa, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Nome: ABRUNHOSA, Luciene Aranha

Título: O Mackenzie passou por aqui: Reconstruindo trajetórias na cidade de São Paulo a partir do acervo do Centro Histórico e Cultural Mackenzie

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia.

Aprovada em: 30 de novembro de 2022.

Banca Examinadora

Prof.ª Dra. Mônica Muniz Pinto de Carvalho: _____

Instituição: Pontifícia Universidade Católica – SP

Julgamento: APROVADA

Prof. Dr. Valter Luís Caldana Junior: _____

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: APROVADA

Prof.ª Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno: _____

Instituição Museu de Arqueologia e Etnografia – USP

Julgamento: APROVADA

“Museus não são ilhas no espaço; eles devem ser considerados no contexto da vida fora de suas paredes.”

Alma Wittilin

A Deus, o autor da minha trajetória.

À minha família e amigos que seguem junto, orando e torcendo.

AGRADECIMENTOS

O ano de 2022 é muito importante. Nele celebro uma década de minha entrada na cadeia museológica! Uma trajetória repleta de novidades e aprendizados diários.

Agradeço a Deus por por ser a Partida e o Norte nesta caminhada e, apesar de percalços, colocar pessoas para orientar, apoiar e caminhar junto.

A orientadora desse processo, profª Clarissa Gagliardi, pela oportunidade, paciência, ensinamentos e cuidado. Muito obrigada!

Aos professores do MAE por tantos ensinamentos e aprendizagens. Muito obrigada!

Aos meus novos amigos museólogos que caminharam junto e não deixaram desistir. Muito amor por vocês, Bernardo Baia, Daniel Manjarrés, John Keven, Leonardo Giovane, Polly Santana e João Pedro. Muito obrigada!

Aos que fazem acontecer a cada dia a história do Mackenzie e nos incentivam a contar suas histórias. Muito obrigada!

Aos meus gestores, no início deste processo, Dr. Benedito Aguiar Neto – reitor da UPM, Dr. Jorge Onoda – Pró Reitor da UPM e ao Rev. Dr. Robinson Grangeiro – Chanceler do IPM, pela liberação para aulas e atividades e incentivo para a realização de toda as atividades desta trajetória.

Aos colegas de trabalho no CHCM que entenderam as ausências e colaboraram para a realização desta pesquisa.

Obrigada aos que estavam desde o início do processo, Anderson Gomes com suas dicas de acervo e Karina de Barros, pela atenção e carinho. Aos demais,

pelos pequenos gestos de ajuda! Muito obrigada!

Aos meus pais, meus irmãos, cunhadas, sobrinhos e às minhas amigas irmãs que acompanharam em oração. Muito obrigada!

Ao meu marido, Eduardo, meu amor e gratidão pelo incentivo, parceria, cobrança e suporte nessa aventura de me tornar museóloga.

RESUMO

ABRUNHOSA, Luciene Aranha. **O Mackenzie passou por aqui: Reconstruindo trajetórias na cidade de São Paulo a partir do acervo do Centro Histórico e Cultural Mackenzie.** 2022.Dissertação (Mestrado em Museologia no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022).

A partir da identificação de um conjunto de bens culturais que demarcam a presença da arquitetura produzida por alunos egressos e professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie na região central de São Paulo, este trabalho discute uma concepção alargada de acervo museológico, conectando o Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM) à cidade. Os documentos, materiais escolares e depoimentos históricos de alunos e funcionários, assim como as atividades educativas já desenvolvidas pelo CHCM e as pesquisas de público são pontos de partida para se identificar conexões com o espaço urbano. Passando pela história da Instituição, especificamente pela história da Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura Mackenzie para a discussão sobre a formação desses egressos e seus professores que assinam projetos de edificações na região central da cidade de São Paulo. Entre as diferentes formas de comunicação possíveis dessas referências culturais encravadas na cidade e tomando a perspectiva daquele que a visita, o trabalho propõe explorar a memória do Mackenzie por meio de percursos culturais.

Palavras-chave: Museologia; Centros de Memória; Roteiro Turístico; Centro Histórico e Cultural Mackenzie

ABSTRACT

From the identification of a set of cultural assets that demarcate the presence of architecture produced by former students and professors of Universidade Presbiteriana Mackenzie in the central region of São Paulo, this work discusses a broad conception of a museological collection, connecting the Mackenzie Historical and Cultural Center (CHCM) to the city. Documents, school materials and historical testimonies from students and employees, as well as educational activities already developed by CHCM and public surveys are starting points to identify connections with the urban space. Going through the history of the Institution, specifically the history of the Mackenzie School of Engineering and Faculty of Architecture, to discuss the training of these graduates and their teachers who sign building projects in the central region of the city of São Paulo. Among the different possible forms of communication of these cultural references embedded in the city and taking the perspective of those who visit it, the work proposes to explore the memory of Mackenzie through cultural paths.

Keywords: Museology; Memory Centers; Tourist Route; Mackenzie Historical and Cultural Center

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fotografia da residência da família Chamberlain na rua Visconde de Congonhas do Campo no bairro Bom Retiro em São Paulo. Não há indicação de data. Fonte: Acervo CHCM 21
Figura 2: Grupo de crianças na "Escola Americana", no final do primeiro período letivo de 1895. Foto que ilustra o texto do documento, redigido em inglês "Protestant College" - Suplemento do Relatório do Presidente de 1895 – o mais antigo do acervo do CHCM. Fonte: Acervo CHCM 25
Figura 3: Foto que ilustra o texto do documento, redigido em inglês "Protestant College" – Suplemento do Relatório do Presidente de 1895 – o mais antigo do acervo do CHCM que traz textos relatando as atividades realizadas no ano anterior e fotografias ilustrando fatos mais relevantes. Mostra o Edifício Mackenzie em sua fase final de construção, indicando sua localização no terreno e as outras construções já presentes no local. Fonte: Acervo CHCM 29
Figura 4: Alunos da Escola de Engenharia Mackenzie no acampamento para trabalhos práticos de topografia. Sem data precisa atribuída. Muitas das fotografias não se encontram atreladas aos relatórios, dificultando a aferição precisa de datas. Um trabalho apurado de pesquisa se faz necessário para determinar autores, identificar alunos e o período. O fato de ser posada, indica que a imagem teria como finalidade ser utilizada em relatórios. Fonte: Acervo CHCM. Autor desconhecido 30
Figura 5: Página digitalizada do Prospecto: Escola Americana de 1905. Estes livretos traziam informações sobre os procedimentos escolares e eram entregues às famílias no início do ano letivo. Sempre escritos pelo Presidente do Instituto e diretores dos cursos explicavam as disciplinas, apresentavam os professores e horários das aulas. Fonte: Acervo CHCM 33
Figura 6: Alunos em sala, durante a aula de desenho, no Departamento de Arquitetura por volta do ano de 1947. Fonte: Acervo CHCM 35
Figura 7:Representação Gráfica do Acervo CHCM. Fonte: Relatório anual de 2021 .. 44
Figura 8: Foto do Livro de Matrículas da Escola Americana referente ao período de 1875- 1884. Documento mais antigo sobre a Escola Americana no acervo do CHCM. Cabeçalho personalizado e a tabela com temas específicos para a finalidade do livro. Fonte: Acervo CHCM – Foto de Manoel Nascimento. 46
Figura 9: Imagens do Relatório Anual do Mackenzie College de 1908 e seu Suplemento. Estes documentos trazem as principais realizações anuais de cada área da Escola, bem como o balanço financeiro e fotografias das diferentes turmas de alunos e construções. Fonte: Acervo CHCM – foto de Manoel Nascimento 48
Figura 10: Suplemento do Relatório Anual do Mackenzie College de 1908 que complementa o relatório anual trazendo informações sobre as obras planejadas e realizadas no novo terreno em Higienópolis. Fonte: Acervo CHCM – foto de Manoel Nascimento 49
Figura 11: Revista de Engenharia Mackenzie, n.76, ano 25 – setembro de 1940. Fonte: Acervo CHCM 56
Figura 12: Imagem utilizada na exposição retratando um laboratório do curso de Engenharia Elétrica – sem especificação da data. Os equipamentos que aparecem na imagem estão no acervo e foram utilizados na exposição. Fonte: Acervo CHCM. Autor desconhecido 57
Figura 13: Marca e Arte Gráfica da Exposição 100 anos da Revista de Engenharia Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM 57
Figura 14: Foto das turmas de alunos do 1º ao 5º ano da Faculdade de Arquitetura, registrada no Relatório Anual de 1953.Acervo CHCM 58
Figura 15: Marca e Arte Gráfica da Exposição 145 anos: Uma História em muitas

histórias. Acervo CHCM 58
Figura 16: Marca e Arte Gráfica da Exposição Biografias: 146 anos de Mackenzie. As fotos originais foram utilizadas e alteradas graficamente para compor a exposição. Fonte: Acervo CHCM 59
Figura 17: Marca e Arte Gráfica da Exposição 100 anos da FAU Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM 60
Figura 18: Projeto e Estudo "Um Palácio Presidencial" de 1935 - uma doação da família de Walter Saraiva Kneese. Fonte: Acervo CHCM 60
Figura 19: Marca e Arte Gráfica da Exposição 125 anos da Escola de Engenharia. Fonte: Acervo CHCM 61
Figura 20: Vista das fachadas dos primeiros edifícios construídos com frente para a rua da Maria Antônia. Da esquerda para a direita aparecem Ed. Horace Lane, Ed. George Alexander e Ed. Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM 71
Figura 21: Trajeto Mackenzista pelo Centro Antigo e Higienópolis. Fonte: Google Maps com marcações pela autora 76
Figura 22: Planta Geral da Capital de São Paulo de Gomes Cardim - 1897. Fonte: Acervo Histórico Municipal 78
Figura 23: Edifício Altino Arantes. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 – p. 70 80
Figura 24: Edifício Sampaio Moreira. Fonte: Relatório do Projeto de Pesquisa: O Centro Histórico de São Paulo: Documentação e Estudos de Reabilitação, 2014 81
Figura 25: Edifício João Brícola. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 67 85
Figura 26: Galeria Metrópole.Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 67 86
Figura 27: Edifício Itália. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 105 88
Figura 28: Edifício Vila Normanda. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 95 89
Figura 29: Edifício Copan. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 123 90
Figura 30: Edifício João Calvino. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 165 91
Figura 31: Edifício J. T. Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM. Foto de Murillo Medina 93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
2 EXPRESSÕES MACKENZISTAS NA URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO 19
2.1 Educar e evangelizar: projeto das missões norte americanas em São Paulo 20
2.2 A Escola de Engenharia Mackenzie 27
2.3 A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie 33
2.4 Professores e alunos da Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie 36
3 AÇÃO MUSEOLÓGICA DO CHCM NA SALVAGUARDA DA MEMORIA INSTITUCIONAL 39
3.1 Centro Histórico e Cultural Mackenzie: história e objetivos 39
3.2 A salvaguarda do acervo 43
3.3 Acervo Arquivístico 44
3.4 Acervos Bibliográfico e Museológico 50
3.5 Alcance das ações do CHCM na salvaguarda da memória institucional 52
4 LIMITES E POSSIBILIDADES NA GESTÃO E SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO MACKENZIE 68
4.1 A cidade que os itinerários do CHCM descortinam 75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 94
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 97

1 INTRODUÇÃO

O Mackenzie é uma instituição de ensino presente desde 1870 na região central da cidade de São Paulo e abriga o Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM) desde 1997. Sua sede está no edifício construído entre os anos de 1894 e 1896 para abrigar a Escola de Engenharia. O imóvel foi tombado na década de 1990 em nível estadual, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), e municipal, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – CONPRESP.

A finalidade do CHCM é manter viva a memória da comunidade ligada à Instituição, conscientizando-a da importância da preservação cultural e estimulando a recuperação do seu legado, em diálogo com a cidade cujo crescimento ocorreu *pari passu* à instituição. Seu acervo é composto por documentos produzidos ou adquiridos pelo Instituto e pela Universidade Mackenzie em suas mais diversas unidades e setores. São documentos institucionais de guarda permanente que remontam a origem da Instituição como relatórios anuais do início do século XX, livros de matrícula e fichas de alunos. Reúne também um relicário de obras raras, fotografias, documentos audiovisuais e objetos que constituem o acervo museológico, como troféus, quadros e flâmulas. Suas atividades incluem a difusão desse acervo e a busca de um diálogo mais próximo com a comunidade circunvizinha, com os habitantes e visitantes interessados em conhecer a cidade de São Paulo.

A observação destes acervos aguçou a nosso olhar em percebê-lo como agente de reflexão e discussão, além muros do Mackenzie, sobre o lugar desta instituição na cidade de São Paulo, partindo das observações dos roteiros turísticos propostos pela São Paulo Turismo (SPTuris) no chamado Triangulo SP, na região central da cidade, que engloba os pontos históricos que caracterizam sua fundação, formado por três igrejas católicas – Igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1592; Igreja de São Bento, de 1598 e Igreja de São Francisco, de 1647 – de onde se deu a primeira ocupação da então Vila de São Paulo de Piratinga e de onde partiu todo o crescimento populacional e habitacional.

Esta pesquisa então analisa a memória institucional do Mackenzie preservada e representada no acervo Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM), ressaltando sua orientação educacional baseada nos princípios protestantes, que definem sua missão de observar e preservar a confessionalidade cristã numa cosmovisão Reformada, no caso específico, trazida pelos Presbiterianos. A análise dessa perspectiva educacional é cotejada com a visão em voga no contexto de urbanização da cidade de São Paulo, identificando marcos físicos dessa memória da escola na cidade como suportes para ações de comunicação do CHCM.

Essa visão dos fundadores do Mackenzie se expressa numa formação não apenas intelectual, mas também cultural, física e com senso de responsabilidade social. Alinhados aos propósitos da missão cristã, cria-se uma escola ao lado de cada igreja, associando a educação à evangelização como estratégia de expansão do protestantismo no Brasil e vinculando a construção de uma cultura social ao progresso material da sociedade onde se estabeleciam. (CARMO, 2017)

A Escola de Engenharia ocupa um espaço privilegiado no CHCM em função da relevância dos documentos que registram sua trajetória pedagógica, as referências sobre seu corpo diretivo, seus docentes e discentes, com atuações expressivas em diferentes áreas da engenharia, na construção civil, no processo de industrialização e nos avanços tecnológicos do século XX, imprimindo marcos permanentes na cidade. Essa atuação de mackenzistas na construção de São Paulo produz ao nosso ver, além dos registros sob guarda do CHCM, um conjunto de documentos “extramuros”, que são as próprias obras físicas presentes na cidade. É assim, pois, que neste trabalho toma-se o *território como museu e seus monumentos irremovíveis como objetos em exibição* (WHITEHEAD, 2000, p. 161) para potencializar as ações de comunicação do CHCM.

Desta forma, o estudo enfoca o que passamos a considerar um acervo ampliado da escola de Engenharia e da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, buscando nele reconhecer o tipo de formação dos egressos, o perfil de seus professores e o legado por eles deixado no processo de urbanização da cidade de São Paulo, circunscrito neste momento, ao Centro Antigo da cidade, por concentrar edificações de autoria projetual e construção desses personagens.

Muitos desses edifícios têm valor patrimonial, expressando um “conjunto seletivo e preservado de bens materiais e imateriais (indicadores culturais), fruto das relações que os Homens estabelecem ao longo do tempo, com o meio ambiente e em sociedade, e suas respectivas interpretações”. (BRUNO, 2015, p,1). O reconhecimento do valor cultural deste patrimônio se expressa não só na tutela oficial destes bens, mas também na sua inserção em circuitos turísticos tradicionalmente oferecidos pelos agentes do turismo receptivo local, aos visitantes interessados na história da cidade. Observamos, no entanto, que as narrativas turísticas em torno destes bens pode ser mais ampla e plural, incorporando aspectos relativos ao processo construtivo e sua execução, à memória dos agentes e da instituição à qual se filiaram, que viabilizaram sua concretização desde a prancheta até os cálculos ao material concreto e palpável, além das questões sociais, ambientais, políticas e culturais vigentes no momento de sua concepção e da ambiência do território no qual se inserem estes artefatos.

É nesse sentido que passa a se configurar uma proposta "flexível" de percurso museológico, cuja intenção é articular o Centro Histórico e Cultural do Mackenzie a este “acervo do Mackenzie extramuros”, ampliando assim as possibilidades de compreensão do papel desta instituição na cidade, em diálogo com as mudanças urbanas. Para tanto, são referências fundamentais para o trabalho, as perspectivas de observação do urbano apresentadas pelo professor Ulpiano Meneses em suas reflexões sobre museus que miram a cidade e operam sobre ela (2004), bem como as ações museológicas que intencionam identificar, socializar e preservar indicadores da paisagem cultural e da memória dos territórios (Bruno, 2015). Memória esta, entendida como

> “uma construção no presente, a partir de indicadores culturais relativos às experiências que os indivíduos e os grupos sociais elaboram com seus semelhantes (expressões), com paisagens (lugares) e com as coisas (artefatos), em suas formas de subsistência, sociabilidade, celebração e representação. (BRUNO, 2015, P.1)

O interesse nesta temática surge de inquietações na prática profissional na curadoria do CHCM, principalmente no que tange ao trabalho da extroversão do seu acervo, o que levou a trilhar um percurso de pesquisa no qual fosse possível compreender e avaliar em que medida estes circuitos museológicos-

urbanos pudessem i) ser entendidos como uma ação de extroversão do acervo do CHCM e qual seu potencial para tanto; ii) reinterpretar a história do Mackenzie a partir de outras perspectivas e suportes culturais e ao mesmo tempo iii) responder às expectativas de estreitar relações com a comunidade do seu entorno, ao estimular a co-participação do público interno e externo no seu planejamento.

Após os questionamentos, fomos em busca de arcabouços que nos possibilitassem desenvolver a curiosidade epistemológica que percorre essa pesquisa.

Perseguindo estes objetivos, revisitamos a história do Mackenzie buscando compreender suas vertentes religiosa, ideológica, educacional, bem como sua ação política. Nesta trajetória, situamos o CHCM como parte do projeto Institucional do Mackenzie e o que representa para a instituição, detalhando seu acervo, sua missão, visão e valores, tendo em vista o papel dos centros de memória institucionais. Nessa retrospectiva histórica, a Escola de Engenharia e a Faculdade de Arquitetura Mackenzie são fundamentais para identificar agentes centrais na projeção das concepções mackenzistas no espaço urbano que privilegiamos neste trabalho. O registro documental da formação social desses agentes são o material que compõe o acervo do CHCM dentro de sua cadeia operacional museológica e, por isso, as obras por eles executadas são também uma expressão desse acervo, como se busca argumentar.

O balizamento da pesquisa no campo da museologia requereu o suporte dos autores Maria Cristina de Oliveira Bruno, Huges de Varine, Marília Xavier Cury e Waldisa Rússio, tendo sido particularmente importante a perspectiva de Ulpiano Bezerra de Meneses sobre a relação entre museus e cidade. Outras fontes importantes para situar o Mackenzie na história da educação em São Paulo foram os estudos elaborados por Maria Lúcia S. Hilsdorf e Diana Vidal, sendo as pesquisas realizadas por Marcel Mendes, César Guimarães do Carmo, Antônio Máspoli de Araujo Gomes e Eduardo C. Abrunhosa, além do próprio acervo documental do CHCM, fundamentais para a compreender a trajetória do Mackenzie.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro se intitula *Mackenzie: Referências culturais e pedagógicas da cidade de São Paulo* e aborda como os ideais progressistas norte-americanos marcaram sua proposta

pedagógica e sua influência na vida cultural e social da cidade de São Paulo nos finais do século XIX, época em que a cidade tem seu primeiro e significativo momento de expansão urbana, definindo seus polos econômicos, residenciais, industriais, avanços tecnológicos e sanitários. Ênfase maior é dada à história da Escola de Engenharia e da Faculdade de Arquitetura, detalhando a formação de seu corpo docente e discente, protagonistas neste cenário de crescimento e desenvolvimento urbano.

O capítulo 2 aborda o conceito e propósitos dos centros de memória analisando a criação do Centro Histórico e Cultural Mackenzie, sua implantação e detalhes dos seus processos museológicos de salvaguarda, ações sociais e culturais no trato e comunicação do acervo.

O terceiro capítulo, *Limites e possibilidades de extroversão do acervo do Centro Histórico e Cultural Mackenzie* analisa a validade dos circuitos urbanos como ação de comunicação museológica capaz de amplificar as possibilidades de valorizar, comunicar e colaborar para a salvaguarda da memória institucional do Mackenzie. Discute-se a efetividade dessas ações, como os circuitos são propostos e em que medida permitem que a memória e trajetória do Mackenzie e de mackenzistas sejam narradas a partir de diferentes perspectivas, alcançando diferentes participantes. A reflexão final envolve os desafios e oportunidades que esta prática dos itinerários urbanos nos coloca como instrumento pedagógico, ação de salvaguarda e tomada de consciência sobre as questões urbanas, as potencialidades de um acervo que se explora “caminhando na cidade” e como permite vivenciar questões que os museus os são chamados a abordar atualmente.

2 EXPRESSÕES MACKENZISTAS NA URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Este capítulo apresenta um breve levantamento histórico sobre o contexto social e educacional do movimento missionário presbiteriano estadunidense no Brasil. Uma vez que seu compromisso com a cosmovisão protestante implica a liturgia e a prática cotidiana da fé a partir das Escrituras Sagradas, o analfabetismo torna-se um fator impeditivo, de modo que a educação é considerada um direito individual que deve ser ofertado a todos, indistintamente. (CARMO, 2017).

A associação da educação à evangelização é, portanto, o desafio e o meio de expansão do protestantismo no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo. A criação de escolas, neste contexto, cumpria então os propósitos da missão cristã de "formar indivíduos preparados para a construção de uma *cultura social e do progresso material da sociedade onde se estabeleciam*." (CARMO, 2017. p.11, grifo nosso)

Os missionários protestantes de confissão batista, metodista e presbiterianos cumpriram essa prática ao aportarem ao Brasil fundando escolas paroquiais ao lado de cada igreja formada com o objetivo de ensinar a leitura das Sagradas Escrituras, atendendo não apenas aos filhos de suas denominações, mas ampliando para toda sociedade brasileira a propagação dos ideais protestantes (Hack, 2002). Neste trabalho nos interessa o empenho dos presbiterianos.

Ribeiro (1981) elenca as cidades para onde a "Brazil Mission", agência missionária americana responsável por enviar os obreiros, destinava suas verbas. São cidades nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Paraná, Pernambuco e interior de São Paulo.

De todas estas investidas educativas presbiterianas, a Escola Americana em São Paulo logra êxito por seu alcance e amadurecimento com os investimentos realizados, que permitiram a construção de um projeto educacional sólido, cuja qualidade de seus professores e estrutura curricular, torna-se referência para todos os outros empreendimentos educacionais.

Gomes (1999) ressalta que a Escola Americana é de fundamental

influência na formação do empresariado de São Paulo no período dos finais do século XIX e início do XX, atendendo a demanda da época em que uma nova mentalidade empresarial, acompanhada de técnicas modernas e controle contábil eram exigidas pelos desafios econômicos mundiais que então influenciavam o Brasil.

Compreender os aspectos pedagógicos e de formação social desses alunos, sobretudo da Escola de Engenharia e da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, identificar e salvaguardar seus registros, faz parte do trabalho do CHCM dentro de sua cadeia operacional museológica e, por isso, as obras executadas por estes sujeitos dentro e fora da Escola são também uma expressão do seu acervo, conforme buscamos demonstrar.

2.1 Educar e evangelizar: projeto das missões norte americanas em São Paulo

O movimento da Reforma Protestante do século XVI teve sobre a educação uma visível influência, especialmente na cultura escrita como meio de contato com os textos bíblicos (GOMES, 2017). A importância da leitura das sagradas escrituras é de tal forma incentivada, que, *"no ato do batismo, os calvinistas prometem ao oficiante ensinar seu filho a ler e escrever, para que, adultos, leiam e compreendam a Bíblia."* (GOMES, p. 648, 2017).

No Brasil o protestantismo chega por meio do missionário norte americano Ashbel Green Simonton em 1859, na cidade do Rio de Janeiro. Na década seguinte chega a São Paulo o casal Chamberlain com o intuito de evangelizar, fortalecer o trabalho presbiteriano já iniciado e alfabetizar. A fundação do Mackenzie se dá na casa do casal George e Mary Ann Annesley Chamberlain, o primeiro local por onde o Mackenzie passou. (figura 1)

Desde seu início a escola teve como projeto educacional os ideais cristãos de promover, na formação dos indivíduos, o desenvolvimento social, moral, físico, intelectual e espiritual. Esta concepção, pioneira no Brasil do século XIX, se aplicou na utilização de um sistema pedagógico norte-americano baseado na filosofia do teórico Horace Mann, que tinha como visão educacional a formação integral do ser humano.

Figura 1: Fotografia da residência da família Chamberlain na rua Visconde de Congonhas do Campo no bairro Bom Retiro em São Paulo. Não há indicação de data. Fonte: Acervo CHCM

"Entendia-se a pedagogia dirigida à vida prática, agregando a metodologia ao ensino técnico e ao trabalho manual." (Hack, 2002 p.88) A ênfase voltava-se para a aplicação dos conhecimentos e a formação do caráter do aluno em sua vida prática. Uma nova visão de mundo baseada na *propagação de ideias de progresso de uma nova sociedade nos moldes norte-americanos.* (HACK, 2002, p.89, grifo nosso). Esses ideais, como veremos, encontrarão terreno fértil em uma cidade que buscará construir uma imagem de cidade que progride ancorada na ciência e na tecnologia, que se urbaniza, se verticaliza, se transforma e se afasta do passado colonial.

Quando abordamos as razões que unem os projetos de evangelização e educação das missões norte americanas em solo brasileiro, nos deparamos com extensa bibliografia. Gomes (2017) traz em sua análise sobre a educação confessional presbiteriana, a perspectiva do fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, Ashbel Green Simonton (1867), o primeiro missionário americano a

desembarcar no Rio de Janeiro em 1859.

Para entender os eventos que resultam na fundação desta escola é preciso analisar o contexto histórico que envolve o Brasil e, especificamente, a cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX. De acordo com estudo de Gomes (2017) o censo, na cidade de São Paulo em 1870 apontava 92% da população constituída de analfabetos. (GOMES, 2017 p.650). Tragante (2017) nos aponta uma São Paulo considerada “acanhada” até as últimas décadas do século XIX, que passa, num curto período por uma transformação, e se torna uma grande cidade na virada para o século XX.

> Essa transformação exige e impulsiona melhorias urbanas para “melhor acolher a mais recente população residente acrescida de imigrantes e de uma elite agrária de cafeicultores, que passava a ter residência permanente na capital” (TRAGANTE, 2017. p.164).

Neste período a cidade estrutura seu primeiro plano de urbanização. O crescimento da população se dá na chegada de imigrantes estrangeiros – principalmente vindos da Itália, Espanha, Portugal e, mais adiante Japão – para o trabalho nas lavouras cafeeiras, o que, conforme ressalta Assunção (2004), cria no poder público a preocupação com a organização dos espaços da cidade.

O processo de industrialização faz com que moradores das zonas rurais se desloquem às metrópoles em busca de novas oportunidades. Mota (2017) destaca que em São Paulo, no ano de 1853, quando acontece a criação da Sociedade Auxiliadora de Agricultura, Comércio e Artes, havia na cidade duas fábricas com proteção oficial, das sete totais existentes na Província. Sobre este período, ele ainda destaca:

> É o momento em que, no Brasil, se desloca a vida da casa grande do agricultor da economia do açúcar para o sobrado da burguesia urbana; e, no mundo do trabalho, à passagem das senzalas aos mucambos e, depois, aos cortiços. Com a comercialização e uma produção agrícola em escala, São Paulo passa a atrair um contingente significativo em busca de emprego temporário. Melhoramentos urbanos, como a iluminação a gás, abertura de ruas, lojas com mercadorias diferenciadas, edifícios públicos mais imponentes constituem atrativo não somente para a aristocracia rural que se desloca para as cidades, como para as massas de lavradores desenraizados. (MOTA, 2004, p.14 *in* CARMO, 2017, p.32)

Carmo (2017) nos traz à luz a descrição que o Reverendo Alexander Latimer Blackford, missionário norte americano que aqui chega, no ano de 1863, para fundar a Igreja Presbiteriana de São Paulo.

> Alcancei São Paulo na mesma noite do dia em que deixei Santos. É uma cidade antiga, mas belamente situada em um planalto, cerca de 2000 mil pés acima do nível do mar. Contém cerca de 30 mil habitantes. Possui uma faculdade, uma escola de direito, orfanatos e um grande colégio interno para rapazes sob a direção e cuidado dos jesuítas. Há também várias igrejas e monastérios (Foreign Missionary, s/data, p. 63 in CARMO, 2017, p.43).

Este contexto social, político e econômico do Brasil da segunda metade do século XIX, em conformidade com Carmo (2107), “foram forças motivadoras que levaram os missionários presbiterianos a investir no binômio evangelização e educação que resultou na idealização e organização da Escola Americana”. (CARMO, 2017 p.24)

> [...] a trajetória social, religiosa e acadêmica dos intelectuais Ashbel Green Simonton (1833-1867) e Alexander Latimer Blackford (1829-1890) foram decisivas para a inserção do presbiterianismo no Rio de Janeiro e São Paulo, valendo-se da estratégia de investimento em evangelização e educação; e, finalmente, que a partir da trajetória social, religiosa e acadêmica de George Whitehill Chamberlain (1839-1902) e Horace Manley Lane (1837-1929), foi idealizada, construída e expandida a Escola Americana, e que as práticas educacionais idealizadas e implementadas nessa escola contribuíram para as reformas educacionais de São Paulo na segunda metade do século XIX. (CARMO, 2017 p.24).

A proliferação dos cortiços e os problemas de higiene urbana causados pelo crescimento demográfico e a falta de moradias é o ponto seminal para que a elite paulistana busque novas ideias para solucionar os problemas urbanos alterando comportamentos e hábitos da população. Neste propósito, Carmo (2017) conclui que a educação é percebida como meio de renovação do pensamento e construção da sociedade.

À vista disso, toma sentido o movimento inicial e embrionário do Mackenzie. O casal missionário Reverendo George W. Chamberlain e sua esposa Mary Ann Annesley Chamberlain chega a São Paulo em 1869 para pastorear a incipiente Igreja Presbiteriana. Imbuídos da prerrogativa evangelista e educadora, o casal segue o modelo de evangelização americana que já se via em outras localidades do Brasil.

O historiador Boris Fausto (2000) destaca:

> A história do Mackenzie liga-se à presença em São Paulo de uma comunidade presbiteriana americana, ampliada com a vinda de emigrados, após a Guerra de Secessão. Para atender a essa comunidade, George Chamberlain e sua mulher Mary Ann fundaram em 1870 o colégio Protestante, que alguns anos depois

> passou a chamar-se Escola Americana. Comparativamente, o Mackenzie ganhou fama de um colégio misto liberal, receptivo ao ingresso de alunos de todas as origens, tendo um currículo diversificado de atividades escolares. (FAUSTO,2000, p.196 *apud* NETO e SANTOS, 2021, p.67)

O movimento missionário sempre teve como objetivo a inserção no ambiente educacional com a implementação de escolas e o uso de metodologias mais pragmáticas, oferecendo uma pedagogia que favorecesse a formação de indivíduos atuantes política e culturalmente na sociedade.

A história do Mackenzie e a história da Cidade de São Paulo devem, segundo Neto e Santos (2021) ser estudadas em conjunto, envoltas no contexto nacional, por estarem ligadas aos movimentos de luta pela constituição da República e a aspiração por um país moderno. A proposta educacional sempre foi calcada na "*formação de cidadãos, profissionais e gestores de políticas públicas na cidade, de modo a interferir na construção de um tecido social com fundamento ético.*" (NETO e SANTOS, 2021, p.70)

Mendes (2016) aponta a estratégia adotada para a conquista de espaço religioso na sociedade por meio da abertura de colégios e escolas paroquiais, destacando, no caso do Casal Chamberlain o fato de abrirem as portas de sua residência para "alfabetizar crianças não inseridas nas elites paulistanas" (MENDES, 2016 p.27) independentemente de sua etnia, classe social e religião.

Os protestantes americanos eram tidos como vanguarda no cenário educacional. No contexto de transição do processo de urbanização da cidade, a elite paulistana recorre aos educadores norte-americanos em busca de um novo modelo educacional. Os pensadores da educação no final do Império e início da República acreditavam que um projeto pedagógico de educação popular garantiria o sucesso do novo governo, portanto, as concepções e práticas da pedagogia americana deveriam ser utilizadas e adaptadas à realidade brasileira. (Neto e Santos, 2021)

As primeiras crianças acolhidas pelo casal Chamberlain em sua residência para aprender a ler e escrever nas aulas oferecidas pela educadora Mary Ann Chamberlain eram recebidas, de acordo com Garcez (2021) "*em ambiente acolhedor, bem diverso da intolerância religiosa existente nas escolas públicas do Império*."

Neste ambiente, ainda segundo Garcez (2021), crianças das mais diferentes procedências, evangélicas, filhos de republicanos, positivistas e abolicionistas, “que sofriam os efeitos da intolerância das escolas públicas”. GARCEZ, 2021, p.41). Na mesma turma, meninos e meninas aprendiam inglês, francês e português, conforme ilustra a foto de 1875, registrada no relatório anual mais antigo do acervo do CHCM (figura 2)

Figura 2: Grupo de crianças na “Escola Americana”, no final do primeiro período letivo de 1895. Foto que ilustra o texto do documento, redigido em inglês “Protestant College” - Suplemento do Relatório do Presidente de 1895 – o mais antigo do acervo do CHCM. Fonte: Acervo CHCM

Conforme Mendes (2016)

> Em pouco tempo, essa experiência aparentemente fortuita evoluiu para salas de ensino formal, então em outro endereço – Rua Nova de São José, n°1, atual Rua Líbero Badaró – matriz mais antiga da Protestant School, depois Escola Americana, origem primitiva do complexo educacional Mackenzie. Sob a direção da educadora Mary P. Dascomb (1842-1917), nesse “casarão” – como era denominado – funcionaram duas classes mistas, uma ministrada em língua inglesa com 23 alunos e outra em português, com dez alunos (LESSA, 1938 *apud* MENDES, 2016, p. 28).

Atraídos pelos princípios pedagógicos pautados no método intuitivo – baseado na experiência direta e pessoal – e a leitura silenciosa, “diferentemente do que faziam as escolas brasileiras com seu costume de leitura em voz alta e memorização sem raciocínio" (CALVANI, 2009, p. 47 apud CARMO, 2017 p. 43)

a escola cresce, recebendo inclusive, alunos vindos do interior de São Paulo.

Em vista disto o Rev. Chamberlain organiza, entre 1873 e 1874, o Curso Superior Normal (Trainning School) visando a formação de professores e, em 1876, uma Faculdade de Filosofia (Scientific School), ambos com grau de College, que corresponde à faculdade de grau superior. (Silveira, 2018).

Estas iniciativas são prontamente reconhecidas e veiculadas pelos jornais da cidade, que anunciavam em suas páginas a abertura dos cursos da escola destinados à formação de docentes no método utilizado pela instituição, destacando o ensino de matérias dos cursos primários e secundários para meninos e meninas. Entre as disciplinas, cita "ler, escrever, contar, doutrina cristã, noções gerais de gramática portuguesa, geografia, música e desenho" ("O Diário de São Paulo", 3 de abril de 1877).

Evidencia-se que, desde o início de sua história, o Mackenzie influencia a educação e a vida política da cidade de São Paulo. As escolas americanas de confissão protestante na então província de São Paulo atraíam as elites por seu caráter democrático e positivista, "pois era nas escolas americanas de fé protestante que residia a possibilidade de se formar as novas gerações na prática das qualidades políticas e intelectuais necessárias para se colocar o país à altura do século". (HILSDORF, 1977, p.56)

Nessas escolas educação era regida por uma "diretriz de ensino prático, científico e comum para todos" e o

> cuidadoso aparato pedagógico que exibiam em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam a possibilidade de uma formação acadêmica muito mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, seja como formação imediata para a vida. (HILSDORF, 1977, p.56)

Por meio desta citação podemos, em linhas gerais, perceber o perfil das famílias que procuravam a escola e o perfil dos alunos por ela formados que viriam a atuar na sociedade ao terminarem seus estudos. São esses os homens e mulheres que irão ajudar a constituir a sociedade do século XX formados numa concepção educacional norte americana protestante que tem em seus alicerces fundantes ideias marcadas pela liberdade de consciência voltada para a emancipação do espírito, face a uma domesticação intelectual, ao exame crítico e com práticas pedagógicas e modelos educacionais impregnados de uma

concepção humanista de filosofia educacional baseada numa visão de Homem centrada na existência, na vida, na atividades e na perspectiva cristã reformada[1]. (MENDES, 2000)

Por essa ideia educacional e de formação, que também se fazia presente nos cursos da Escola de Engenharia, buscamos identificar os alunos que, passando pela formação acadêmica no Mackenzie – mais especificamente nas formações de Engenharia Civil e Arquitetura – se destacaram em suas atuações profissionais e projetam as diretrizes formativas na cidade que constróem

> A filosofia educacional do Mackenzie, desde cedo, se inseriu no contexto do desenvolvimento educacional e industrial de São Paulo. Sempre pragmática, atuou na formação de novos profissionais exigidos pelo processo de industrialização, a exemplo do curso de Engenharia, que nasceu antes do curso da Politécnica e, não podemos deixar de citar, do curso de Formação do Professor. Suas experiências educacionais demonstraram compromisso com a produção do saber e o fazer. Os profissionais do Mackenzie sempre foram respeitados pelo saber fazer. (NETO e SANTOS, 2021, p.72)

Ao tratar dos princípios metodológicos e pedagógicos dos cursos da Escola de Engenharia Mackenzie College, Mendes (2000) destaca suas referências pedagógicas de configuração baseada num padrão de ensino de matriz norte-americana, que rompe com o “paradigma de inspiração provinda da Europa continental, vigente à época, introduz um padrão plasmado em matriz norte-americana” (MENDES, 2000, p.13) mobilizando o aluno a adquirir o hábito do estudo, o pensamento metódico e a absorção de princípios e ideias que extrapolassem apenas os tópicos de estudo e as matérias teóricas.

2.2 A Escola de Engenharia Mackenzie

O início da Escola de Engenharia Mackenzie está diretamente relacionado ao benemérito da instituição, John Theron Mackenzie, presbiteriano, advogado estadunidense, residente em Nova York e que nunca viera ao Brasil.

Interessado pelo avanço do transporte ferroviário tanto nos Estados

---

[1] De acordo com Mendes (2000) essa perspectiva cristã reformada “vê no ser humano o fastígio da ação soberana e sábia do Criador. Revestido de dignidade, responsabilidade e liberdade, o home – ser criado – interage com o próprio Criador, com a Natureza e com os seus pares, tornando-se fim e jamais meio das estruturas econômicas, sociais, políticas e religiosas. [...] (MENDES, 2000, p.26)

Unidos como na Europa e seu incipiente desenvolvimento no Brasil por meio das construções de trechos pelo barão de Mauá em 1852 ligando o Rio de Janeiro a Petrópolis (RJ), resolve destinar parte de sua herança financeira para a construção de uma Escola de Engenharia no Brasil.

Conforme narra Garcez (2021)

> Com a mente sempre voltada para o Brasil, John Mackenzie, ao redigir seu testamento, destinou a importância de 30 mil dólares para ser aplicada no Brasil, numa escola capaz de ensinar à mocidade brasileira os modernos conhecimentos da tecnologia relacionada com o transporte ferroviário.
> Com o falecimento de John Mackenzie, suas duas irmãs, também contempladas no testamento do velho advogado, apoiaram o legado do irmão, ampliando-o para 50 mil dólares. (GARCEZ, 2021, p.130)

Assim, em 1893 é dado início à construção do edifício que abrigaria a escola e, em 1894, numa solenidade que reuniu autoridades do Mackenzie, da Igreja Presbiteriana e da cidade de São Paulo, dá-se a instalação da pedra fundamental do edifício com a inscrição “Mackenzie College – *anno domini* 1894 – Às Sciencias Divinas e Humanas”, reafirmando o pensamento dos fundadores e seu legado unindo a fé e a ciência na formação integral do Homem. No ano de 1895 o edifício de três andares é entregue para sua utilização.

A figura 3 ilustra o edifício Mackenzie, construído sob a supervisão do engenheiro americano Willian Waddell, que posteriormente seria o diretor da E.E. e, anos mais tarde, Presidente do Instituto responsável pela criação do curso de arquitetura, juntamente com Christiano Stockler em 1917. Já despontava o início da verticalização do bairro de Higienópolis, formado por chácaras e sobrados.

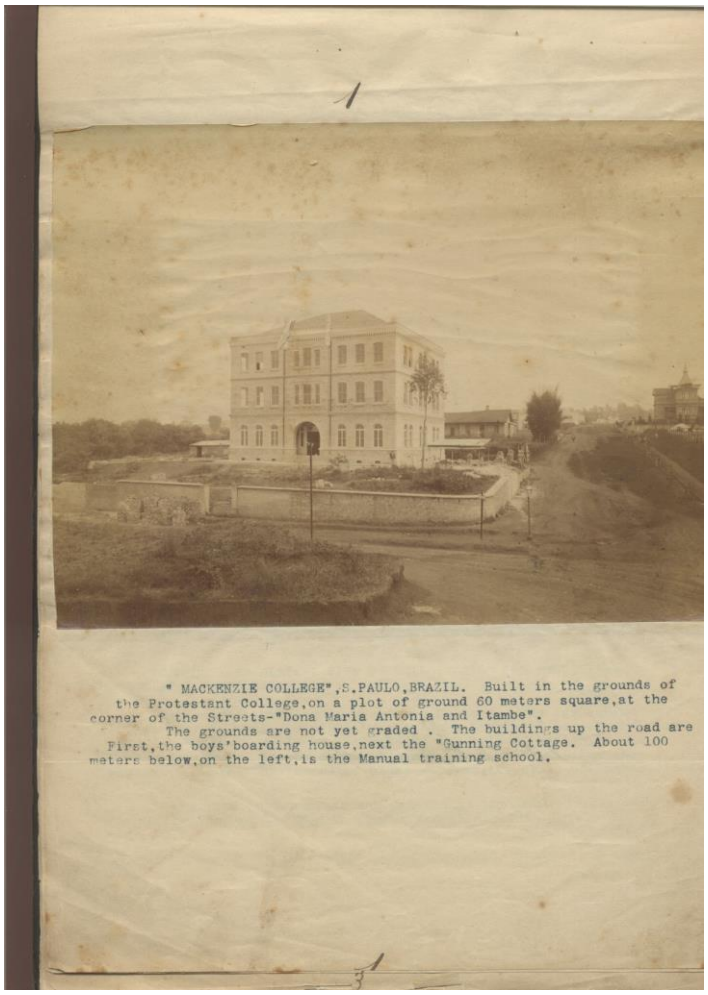


Figura 3: Foto que ilustra o texto do documento, redigido em inglês "Protestant College" – Suplemento do Relatório do Presidente de 1895 – o mais antigo do acervo do CHCM que traz textos relatando as atividades realizadas no ano anterior e fotografias ilustrando fatos mais relevantes. Mostra o Edifício Mackenzie em sua fase final de construção, indicando sua localização no terreno e as outras construções já presentes no local. Fonte: Acervo CHCM

Esta escola é um empreendimento educacional de natureza privada, inédito no país. Adentra o campo do ensino superior brasileiro no final do século XIX, em fevereiro de 1896, dois anos após o surgimento da Escola Politécnica de São Paulo. (MENDES, 2000)

Neste cenário cabe uma análise das características pedagógicas das principais Escolas de Engenharia existentes no final do século XIX para se compreender o perfil do profissional por elas formados. A Escola Politécnica do Rio de Janeiro – aberta em 1874 – incorporou em sua metodologia características do modelo francês marcado pela ênfase teórica e abrangência enciclopédica. Já a Escola de Minas de Ouro Preto – a segunda escola de engenharia do país, inaugurada em 1876 – apresenta, da mesma forma, o modelo francês, porém com ênfase na pesquisa. A Escola Politécnica de São

Paulo, instalada em 1894, já com os cursos de engenharia civil, agrícola, industrial e de artes mecânicas, teve como inspirador o modelo germânico de associação entre teoria e experimentação (MENDES, 2000).

No Mackenzie College o primeiro curso oferecido pela Escola de Engenharia visava a formação de engenheiros civis e, de acordo com os documentos seminais oficiais infere-se, pela descrição das grades curriculares, e em seu desenvolvimento, sua vocação e preocupação de estar *pari passu* com as necessidades de formar indivíduos em nível superior e atender, profissionalmente, as necessidades do desenvolvimento e progresso das cidades.

Mendes (2000) aponta que,

> À época, suas competências incluíam planejamento urbano, obras de infraestrutura, ferrovias, portos, usinas, saneamento, levantamentos topográficos e geodésicos com finalidades urbanas, rurais e prospectivas, assim como construções em múltiplas modalidades e funções. (MENDES, 2000, p.19)

Figura 4: Alunos da Escola de Engenharia Mackenzie no acampamento para trabalhos práticos de topografia. Sem data precisa atribuída. Muitas das fotografias não se encontram atreladas aos relatórios, dificultando a aferição precisa de datas. Um trabalho apurado de pesquisa se faz necessário para determinar autores, identificar alunos e o período. O fato de ser posada, indica que a imagem teria como finalidade ser utilizada em relatórios. Fonte: Acervo CHCM. Autor desconhecido

O desenvolvimento do país, nas primeiras décadas do século XX, se caracteriza pelo desenvolvimento e expansão da urbanização, da industrialização, da modernização e expansão da eletrificação. Esse contexto reforça a atuação dos mackenzistas, pois a “Escola de Engenharia “Mackenzie College” está incluída entre os pioneiros estabelecimentos de ensino de engenharia no País e localizada num dos polos propulsores desses fenômenos, a capital paulista. (MENDES, 2000, p. 19)

Gomes (2017) analisa a relevância do Mackenzie College e seus cursos na “formação de uma mentalidade do empresariado de São Paulo” (GOMES, 2017, p.653) por meio de uma educação voltada para a aplicação prática de conceitos. Continua discorrendo sobre a difusão dos ideais protestantes relacionados ao espírito empreendedor e às ideias do capitalismo moderno ocidental.

> A contribuição do Mackenzie College na formação da mentalidade do empresariado em São Paulo deu-se pela preparação de mão de obra adequada à administração do capital, segundo os postulados da cultura protestante evidenciados por Weber (1994). Esse College agiu ainda como um polo irradiador da filosofia industrialista norte-americana, através do Instituto de Desenvolvimento da Organização Racional do Trabalho (IDORT) e do desenvolvimento, nos egressos da Escola de Engenharia, do espírito empreendedor, o qual fez germinar o moderno capitalismo ocidental. (GOMES, 2017, p.653)

Os aspectos observados por Gomes (2017) no perfil da educação presbiteriana, são relevantes para considerarmos a participação dos seus mentores e aprendizes no desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo no início do século XX:

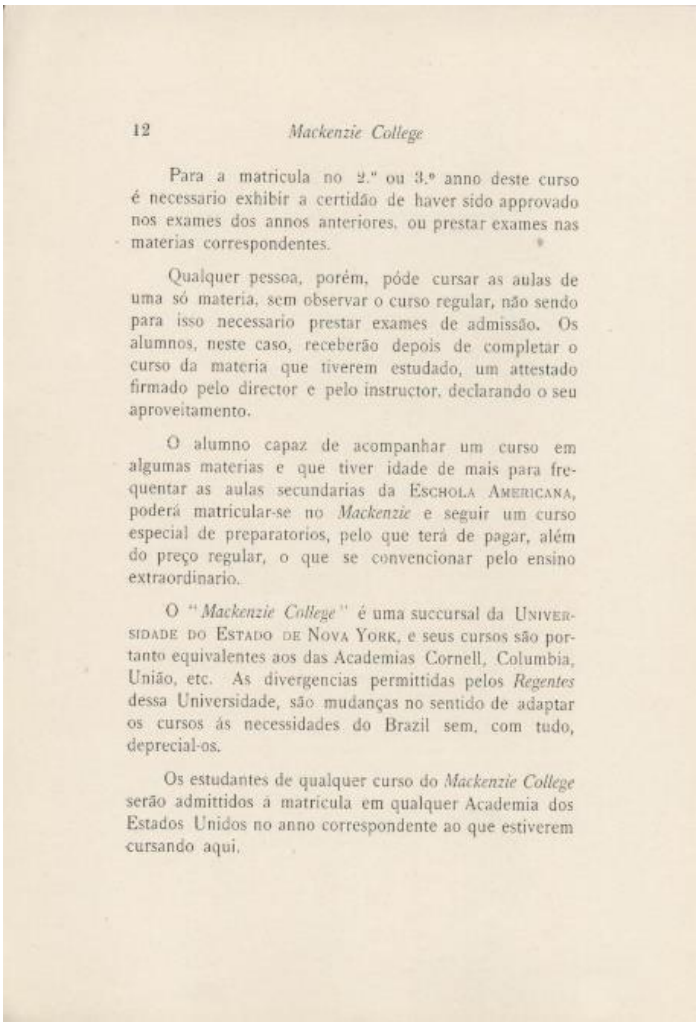
> a) o ensino da racionalidade do espírito protestante, decantada por Max Weber (1994) em sua obra A ética protestante e o espírito do capitalismo; b) o pragmatismo protestante como práxis educacional: o pragmatismo derivado da racionalidade metódica do protestantismo produziu uma educação voltada para aplicações práticas, como a educação para o comércio e indústria; c) o pioneirismo na educação de mulheres e a sua contratação como professoras nas escolas presbiterianas; d) a ausência total de castigos físicos nas escolas, com a utilização de reforços positivos como um facilitador da aprendizagem, transformando-a numa a atividade lúdica; e) o uso do método silencioso, indutivo, com a primazia da inteligência sobre a memória, fato que a escola brasileira, pela média, desconhece até hoje. (GOMES, 2017, p. 654)

Hack (2002) ao tratar do ensino superior no Mackenzie enfatiza o fato de que a concepção e visão que a Missão Protestante – órgão que validava as

ações educativas e administrativas da Escola – idealizava para a universidade estava igualmente pautada na “tradição e cosmovisão protestante e na ideologia liberal” (Hack, 2002, p.139). As atividades curriculares pretenderiam sempre valorizar o protagonismo do discente, com atividades laboratoriais para os estudantes verificarem as teorias aprendidas; trabalhos de campo para se estudar, no terreno, os problemas da matéria e professores especialistas e catedráticos com dedicação integral ao ensino. (Wadell, 1932, p.13 *apud* Hack, 2002, p.159).

Outro aspecto dos cursos oferecidos pelo Mackenzie College, que influencia a formação dos discentes, é a internacionalização do estudo acadêmico e a possibilidade de intercâmbio cultural em Universidades nos Estados Unidos. O Prospecto de 1905 (figura 5) registra esse diferencial:

> O Mackenzie College é uma sucursal da Universidade do Estado de Nova York, seus cursos são, portanto, equivalentes aos das Academias Cornell, Columbia e Union. As divergências permitidas pelos Regentes dessa Universidade são mudanças no sentido de adaptar os cursos às necessidades do Brasil, sem, contudo, depreciá-los. Os estudantes de qualquer curso do Mackenzie College estão admitidos à matrícula em qualquer Academia dos Estados Unidos no ano correspondente ao que estiverem cursando aqui (Lane, *in* Prospectos: Escola Americana, 1905, p.83).



12 *Mackenzie College*

Para a matricula no 2.º ou 3.º anno deste curso é necessario exhibir a certidão de haver sido approvado nos exames dos annos anteriores, ou prestar exames nas materias correspondentes.

Qualquer pessoa, porém, póde cursar as aulas de uma só materia, sem observar o curso regular, não sendo para isso necessario prestar exames de admissão. Os alumnos, neste caso, receberão depois de completar o curso da materia que tiverem estudado, um attestado firmado pelo director e pelo instructor, declarando o seu aproveitamento.

O alumno capaz de acompanhar um curso em algumas materias e que tiver idade de mais para frequentar as aulas secundarias da Escola Americana, poderá matricular-se no *Mackenzie* e seguir um curso especial de preparatorios, pelo que terá de pagar, além do preço regular, o que se convencionar pelo ensino extraordinario.

O "*Mackenzie College*" é uma succursal da Universidade do Estado de Nova York, e seus cursos são portanto equivalentes aos das Academias Cornell, Columbia, União, etc. As divergencias permittidas pelos *Regentes* dessa Universidade, são mudanças no sentido de adaptar os cursos ás necessidades do Brazil sem, com tudo, deprecial-os.

Os estudantes de qualquer curso do *Mackenzie College* serão admittidos á matricula em qualquer Academia dos Estados Unidos no anno correspondente ao que estiverem cursando aqui.

Figura 5: Página digitalizada do Prospecto: Escola Americana de 1905. Estes livretos traziam informações sobre os procedimentos escolares e eram entregues às famílias no início do ano letivo. Sempre escritos pelo Presidente do Instituto e diretores dos cursos explicavam as disciplinas, apresentavam os professores e horários das aulas. Fonte: Acervo CHCM

Estes aspectos do curso da Escola de Engenharia influenciam a formação do aluno nela inserido, bem como os arquitetos formados enquanto Engenheiros-Arquitetos, visto o início comum das duas faculdades como veremos a seguir.

2.3 A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie

A história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie tem seu marco inicial na história da Escola de Engenharia. Suas raízes estão na criação do Curso de Arquitetura, em 1917, dentro desta Escola que então passa a formar

Engenheiros-Arquitetos.

Mendes (2017) relata semelhança com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), que também se constituiu a partir do Curso de Engenheiros-Arquitetos criado na Escola Politécnica em 1894, passando a funcionar dois anos mais tarde. Ao descrever o processo de criação do Curso de Arquitetura, Mendes (2009) destaca um fator determinante para o tipo de formação que se buscava, ao citar a ida do então presidente do Mackenzie William Waddell, em 1916, aos Estados Unidos em busca de apoio e parcerias com outras Universidades à abertura de novos cursos nas engenharias, reconhecendo que:

> William Waddell não voltou dos Estados Unidos de mãos vazias; no mínimo, conseguiu atrair o interesse da empresa General Electric para a criação de um moderno Curso de Engenheiros Mecânicos-Eletricistas no Mackenzie College, à época em que a difusão da eletricidade e suas aplicações se tornava crucial para a urbanização e industrialização de São Paulo, cidade que também estava em vias de iniciar sua fase de verticalização. (MENDES, 2009 *apud* Abrunhosa, 2016, p.22)

Abrunhosa (2016, p. 22) observa o “alinhamento entre o interesse corporativo empresarial, a produção do conhecimento acadêmico e a formação de mão-de-obra” como o norteador do conceito de “construção da reputação do Mackenzie College, como uma transposição da experiência vivida por instituições congêneres estadunidenses”.

O curso de Arquitetura permanece ligado à Escola de Engenharia, sempre em busca de sua autonomia, que ocorre em 1947 sob a direção ‘decisiva e marcante’ do Arquiteto Christiano Stockler das Neves (Mota, 2017) já professor das disciplinas relacionadas ao curso. Stockler iniciou sua formação como engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica de São Paulo, mas terminou seu curso nos Estados Unidos, na Universidade da Pensilvânia, de onde trouxe suas influências para a configuração do Curso, mais especificamente aquelas influenciadas pelas escolas de Belas Artes francesas.

Esta característica indica o tipo formação do aluno na FAU-Mackenzie em contraste com a formação oferecida na FAU-USP. Nas palavras de Mota (2017) que à primeira atribui a identificação no meio universitário e profissional de “arquitetos de prancheta”, com menor atenção à sua formação em estudos humanísticos, em contraste com segunda, “mais voltada às Ciências Humanas”. (MOTA, 2017, p.27)

Figura 6: Alunos em sala, durante a aula de desenho, no Departamento de Arquitetura por volta do ano de 1947. Fonte: Acervo CHCM

Esta modalidade de aula em ateliê era importante e valorizada no sistema educativo da Belas Artes, tanto na França quanto no caso específico da Universidade da Filadélfia. De acordo com o estudo de Abrunhosa e Breia (2017) os alunos sabiam da importância dessas aulas:

> Relatos espontâneos e depoimentos prestados por vários antigos alunos descrevem as atividades no atelier como extremamente importantes e enriquecedoras, pois nesses momentos havia muito espírito de colaboração e troca de informações, que se concretizavam por meio do mútuo auxílio. Seguindo a tradição francesa, eram organizados concursos internos, anuais, seguidos da exposição dos trabalhos. A Revista de Engenharia Mackenzie publicava projetos premiados nesses concursos e, com o tempo, passou a publicar Projectos-These de formandos até 1947, quando da independência do curso e da formação da Faculdade de Arquitetura. (ABRUNHOSA E BREIA, 2017, p.91)

Os professores e alunos tanto da Escola de Engenharia como da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie marcam a sociedade com suas obras e atuação em suas práticas profissionais (Fonseca, Righi e Caldana, 2021). Em 1917, na visão desses autores, a importância da criação desta faculdade se mostra no reflexo que temos até hoje em sua projeção na sociedade. Uma percepção que o distanciamento temporal permite analisar.

> Nascia um curso que que viria a ser da maior importância na construção da cidade dos séculos XX e XXI, com milhares de egressos, deixando por meio do trabalho e da atuação cidadã sua marca na arquitetura, na paisagem urbana e no urbanismo. Ao lado dos egressos da Escola de Engenharia, suas obras compõem importante componente da imagem de São Paulo. (FONSECA, RIGHI E CALDANA, 2021, p. 27)

Sobre alguns destes egressos este trabalho menciona em seus capítulos subsequentes, construções que são reconhecidas como patrimônio cultural e histórico na cidade de São Paulo por sua relevância arquitetônica.

2.4 Professores e alunos da Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie

Uma breve seleção de alunos egressos e professores das Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo se faz necessária para apontar as características que os tornam relevantes na urbanização e verticalização da cidade. Por meio da sua atuação, vemos construído o que pode ser interpretado como um legado da escola para a cidade, vinculando estes artefatos à memória institucional do Mackenzie.

Esta análise é baseada na releitura de pesquisas realizadas por diversos autores, tendo documentos do acervo como fonte. Para este estudo nos serviremos das pesquisas realizadas por Marcel Mendes e Eduardo Castedo Abrunhosa.

Ao traçar um *perfil dos docentes e discentes*, Mendes (2000) mostra que a Escola de Engenharia, em suas primeiras décadas de funcionamento, teve representantes de diferentes procedências. O autor recorre aos Prospectos do “Mackenzie College” e observa, em relação aos professores, que a maioria havia chegado das melhores escolas e universidades dos Estados Unidos e Inglaterra, da Suíça, da França, da Itália e da Rússia. Os brasileiros haviam se graduado ou completado os seus estudos nos Estados Unidos e na Europa. Após as primeiras décadas do curso, o quadro de professores que chegam já são os egressos da própria Escola ou procedentes da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e de São Paulo, contudo, não tinham uma formação didática para o magistério no ensino superior. Essas foram sendo construídas na prática, baseadas no talento individual e nas experiências trazidas por cada um.

Quanto ao corpo discente, no início da Escola, era praticamente formado por descendentes de imigrantes italianos, alemães, portugueses, ingleses, americanos, franceses e sírios. A primeira turma que se formou, era composta apenas por dois alunos, ambos nascidos na Itália. (MENDES, 2000, p.21)

As similaridades entre a Escola Politécnica de São Paulo e a Escola de Engenharia Mackenzie College, ainda que díspares nas identidades e perfis de seus egressos, observadas pelo mesmo autor, contribuem para o que ele chama de “competitividade construtiva”.

Podemos assim inferir que boa parte dos projetos e políticas públicas de urbanização da cidade de São Paulo são oriundos dos egressos e professores destas instituições, reforçando a relevância do estudo deste legado como parte do trabalho de preservação da memória institucional do CHCM.

Em relação à estrutura *curricular*, Abrunhosa (2016) destaca a preocupação do equilíbrio entre as disciplinas teóricas com as vivências e experimentações práticas da Escola de Engenharia. Nos dois primeiros anos as aulas eram em tronco comum com a Engenharia Civil. Os alunos adquiriam uma base técnico-construtiva, um dos diferenciais daqueles formados pelo Mackenzie. Nos demais três anos de curso, os discentes estudavam juntos em esquema de supervisão integrada, um professor para cada grupo de alunos, conforme os períodos de curso, porém todos na mesma sala. Deste modo os alunos vivenciavam o trabalho real que eles encontrariam em seus futuros projetos e escritórios. “Eles aprendiam a trabalhar os diversos conhecimentos de forma integrada, sempre tendo como referência metodológica a Fine Arts School. A maioria dos professores era egressa do próprio curso, o que garantia o modelo de ensino-aprendizagem”. (ABRUNHOSA, 2016, p.23)

A observação de que os professores eram egressos do próprio curso nos apontam para, além da permanência do modelo de ensino-aprendizagem, vinculação afetiva de pertencimento do corpo docente à instituição, que corrobora para a formação de um “espírito mackenzista” que se expressa em depoimentos coletados no projeto “Memória Mackenzista” do CHCM que recolhe a memória oral de antigos alunos e professores. Destacam-se alguns relatos como o de Zilda Sampaio Perroni, a primeira mulher formada no curso de Engenharia Civil, no ano de 1927; e de Hoover Américo Sampaio, Tito Lívio e

Walter Saraiva Kneese, formados pelo Mackenzie e posteriormente seus docentes e diretores dos cursos de Engenharia e Arquitetura.

Ainda sobre a formação destes egressos Abrunhosa e Breia (2017) apontam que

> Além da formação teórica e de prancheta, os alunos de arquitetura faziam estágios nos escritórios de Arquitetura existentes, onde também tomavam contato com o Moderno. Começou--se a projetar e construir obras modernas na cidade de São Paulo e no país. Os alunos faziam visitas a canteiros de obras, aos finais de semana; às vezes, eram acompanhados por um professor ou pelo arquiteto autor da obra. (Abrunhosa, 2017, p.92)

O peso das atividades de estágios e visitas técnicas são indicadores da perspectiva de inserção destes alunos, desde os primeiros períodos do curso, no mercado de trabalho, atuando em escritórios de engenharia e arquitetura, muitas vezes de seus próprios mestres.

A pesquisa de Abrunhosa (2016) traz o levantamento de todos os egressos das duas primeiras décadas da Faculdade já organizada, identificando nomes que se destacaram no processo de urbanização não apenas da cidade de São Paulo como de todo o país, alguns dos quais veremos presentes nos circuitos culturais propostos.

3 AÇÃO MUSEOLÓGICA DO CHCM NA SALVAGUARDA DA MEMORIA INSTITUCIONAL

3.1 Centro Histórico e Cultural Mackenzie: história e objetivos

Enquanto instituição sesquicentenária o Mackenzie, até o final da década de 1990, não possuía, em sua cultura organizacional, um mecanismo único ou um conjunto de práticas de salvaguarda de sua memória institucional e produção documental de maneira organizada.

Em 1997 a Administração Geral do Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM) institui e valida por meio de seus Conselhos Deliberativo e de Curadores, o Centro Histórico Mackenzie[2] (CHM). Sua finalidade central, de acordo com o Relatório Anual de 1997 do IPM, é *"*manter viva a memória, perpetuar momentos significativos, registrar os fatos e feitos, não apenas de indivíduos, mas de toda a comunidade ligada à Instituição, fazendo a ligação do passado ao presente e estabelecendo uma projeção para o futuro*."* (1997, p.32)

A partir de então, foi elaborado o projeto de organização e implantação do CHCM. Numa análise do Relatório Anual de 1997, destacam-se os termos em que foram baseadas a formulação da sua visão e missão, que enfatizam a ideia de manter viva a memória e história do Mackenzie. São eles *conscientizar a comunidade*; *resgatar a memória da instituição*; *estabelecer política de preservação*; *produzir informações sólidas*; *estimular a pesquisa*; *salvaguardar os acervos* arquivísticos, bibliográficos, museológicos, documentais e fotográficos; e *constituir um laboratório de conservação e pesquisa*.

O CHCM tem, portanto, como missão preservar, investigar, documentar e divulgar, por meio de procedimentos de salvaguarda, que compreendem a conservação, documentação e pesquisa, e pela comunicação por meio de exposições e ações educativo-culturais, os indicadores de memória, históricos e contemporâneos, da instituição Mackenzie de ensino, incluindo seus desdobramentos na formação e inteligibilidade da sociedade envolvente.

Estes pressupostos concedem ao CHCM a posição de se tornar mais do que um centro de documentação, ou acervo da instituição, mas o impulsionam a

---

[2] A palavra Cultural foi acrescida ao nome do Centro Histórico em 2012 quando de sua mudança, dentro do organograma da Instituição, para a gestão da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob a tutela do então Decanato de Extensão, hoje Pró Reitoria de Extensão e Educação Continuada (PREC).

criar ações e reflexões sobre o acervo que possui balizados em processos museológicos de observação, coleta, guarda e proteção utilizando-as para ser “embrião de debates” (BRUNO, 2009, p.15) sobre os mais diferentes temas, organizando assim linhas de pesquisa e ensino.

Estas linhas de pesquisa, hoje definidas em *Educação, Cidade e Sociedade*, buscam estimular reflexões críticas sobre as variadas dimensões da sociedade brasileira, valorizando a preservação e pesquisa dos patrimônios intangíveis, tangíveis e imobiliários decorrentes da história da instituição ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, valorizando, para a comunidade Mackenzista, o contexto em que está inserida e disponibilizando para a sociedade parte significativa da constituição e desenvolvimento da história da educação no estado de São Paulo e no Brasil.

Este acervo, que será tratado no decorrer deste capítulo, vem sendo formado desde a criação do CHCM, por meio do recolhimento de documentos históricos nos diversos setores da instituição e de doações de antigos alunos e/ou familiares, funcionários (transferências internas).

Como Centro de Memória, que visa a produção documental sobre a cultura organizacional e o conjunto de valores da instituição que compõem sua história e mitos, forjada por seus fundadores e pela primeira geração de líderes, o acervo do CHCM vem sendo formado em dois momentos, citados por Vitoriano (2011):

> [...] Primeiro, pelo relato oral, passado de pessoa a pessoa, num processo de construção de narrativas, comprovadas ou não, que permanecem no imaginário coletivo dos participantes da organização e vão sendo reproduzidas ao longo do tempo. Em um segundo momento, normalmente uma fase de transformação ou como ritual de celebração, a organização providencia o registro escrito dessa história, das mais variadas formas, desde matérias especiais até um livro comemorativo. Esses documentos cumprem o papel de traduzir para as novas gerações da organização os relatos mais importantes do ideal corporativo que a direção da organização deseja fixar. Não necessariamente, os relatos que persistem serão os mesmos do início da organização. A cada período, novas histórias vão sendo incorporadas e as antigas podem sofrer mudanças de conteúdo, que se adaptem à nova condição da organização. Alguns personagens aparecem e outros desaparecem num processo contínuo de reescrita da história organizacional. (VITORIANO, 2011, p.95)

Os documentos oficiais – atas, relatórios anuais, prospectos, livros de matrícula, dados sobre professores, alunos e demais funcionários, materiais escolares, mobiliários, fotografias, entre outros – acrescidos dos relatos orais,

foram sendo produzidos ao longo do tempo, porém se encontravam sob a guarda dos diferentes setores e departamentos e não formavam um único acervo capaz de reunir, contar, refutar ou mesmo refletir a história corporativa e mitos da instituição. Os relatos orais de dirigentes e gestores, funcionários e seus familiares também participam da construção da memória e da cultura organizacional e institucional.

As doações de antigos alunos permitem uma outra visão do fazer da instituição, da perspectiva de quem utilizou a instituição, e reforçam o vínculo que se forma com o local onde passaram anos de vida em sua formação. Nesta pesquisa, nos interessam particularmente os oriundos de engenheiros e arquitetos que decidem deixar à instituição seu legado laboral, na forma de estudos, plantas e projetos que construíram em suas carreiras profissionais, executadas não apenas na cidade de São Paulo como por todo Brasil. Os acervos técnico-profissionais provenientes do escritório do engenheiro Roberto Rossi Zuccolo - anos após seu falecimento – e, da doação ainda em vida de trabalhos do arquiteto Alberto Botti, são exemplos importantes para o CHCM.

O Manual Básico para a implantação de Centros de Memória produzido pelo Instituto Cultural Itaú (2013), define como objetivos primevos dos Centros de Memória "reunir, organizar, identificar, conservar e produzir conteúdo e disseminar a documentação histórica para os públicos interno e externo" (p.12) e destaca que a função deste material é fomentar a pesquisa sobre a instituição, gerando serviços e produtos relativos à sua trajetória.

Analisando os relatórios de ações de comunicação, e mesmo de pesquisa do acervo do CHCM entre 1997, ano de sua instalação, e 2012, percebe-se a limitação dessas ações, pela falta de conhecimento sobre estes documentos. Apenas as "curiosidades" sobre personagens e materiais eram utilizadas na produção dos conteúdos, que se restringiam a celebrar efemérides internas ou ser base ações de publicidade e marketing da instituição.

Neste período de 1997 a 2012, a gestão era feita pelo próprio Instituto e a visão sobre o acervo, era a de manter e preservar registros representativos que reproduzissem a memória de elementos dos rituais, dos "heróis", dos valores e das histórias e mitos da cultura organizacional.

Não havia, mesmo possuindo objetivos definidos no projeto inicial de constituição do CHCM, uma política de acervo definida que orientasse o tipo de

material recolhido e transferido dos diferentes setores ou mesmo um projeto de pesquisa para o *"*estudo dos artefatos visíveis, em combinação com os valores e crenças expostos por ela" (VITORIANO 2011, p.100).

A preocupação inicial com o acervo recolhido limitou-se apenas à catalogação prévia de identificação e trabalho de higienização para a guarda. Até o ano de 2012 muito pouco havia sido feito em relação à catalogação, acondicionamento adequado, restauro e digitalização.

Os registros da memória coletiva da instituição são as fontes primárias para resgate da história e suas relações culturais e sociais. A seleção e preservação de documentos, imagens, dados, informações, entre outros, que constituem os acervos, permite o acesso a consultas de diferentes fins e contribuições científicas. (Camargo, 2015)

Organizar e preservar estes documentos, dando-lhes utilidade concreta, tratamento de pesquisa e a real função como arquivos históricos, diferencia o "Arquivo Morto" que normalmente se encontra no meio institucional como depósito de documentos à espera de um fim legal, de um centro de memória que seja sirva de referência viva sobre a instituição.

Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015) ao tratar sobre a missão dos centros de memória e da formação de seus acervos, exigem um olhar atento aos documentos e demais arquivos, um olhar que tenha um duplo movimento – *cultuar o passado e enfrentar o ritmo acelerado do processo histórico contemporâneo.* (Camargo, 2015, p.99).

Fica claro que a formação de um acervo exige um trabalho de pesquisa e avaliação constantes, objetivando ter sempre em vista a primeva função que ele assume como fonte de informações e representatividade da memória institucional. Camargo (2015) destaca a importância da organização dos acervos para seu compartilhamento afirmando que

> [...]O plano de classificação de documentos, base comum dos procedimentos que permitem o acesso a seu conteúdo, não pode, com efeito, se limitar a oferecer uma sucessão de quadros estáticos dos diferentes setores em que se divide a instituição; é preciso vê-los sempre na dinâmica temporal que os envolve, fazendo, de preferência, o caminho do antirrelógio, que vai do presente ao passado: a forma mais complexa de desenvolvimento institucional, nesse sentido, é sempre capaz de explicar suas configurações embrionárias.(CAMARGO, 2015, p.104)

Nessa ótica, o acervo precisa ser pensado e organizado por suas especificidades oferecendo um despertar de novos olhares, provocando novas interpretações e atribuições de valores. Aí se dá a aproximação com o fazer museológico que ressalta a importância dos estudos de cultura material que possibilitem reflexões sobre fruição, documentação, conservação e preservação por meio da comunicação e da educação a partir dos objetos e das coleções." (BRUNO, 2009, p.15).

Numa aproximação com os conceitos da museologia e de sua cadeia operatória em relação aos acervos, buscamos a seguir, apresentar como ocorrem salvaguarda (conservação, documentação e armazenamento), as ações técnicas e científicas de pesquisa (diferentes campos de conhecimento) e a comunicação (exposição, ação educativa) no CHCM.

3.2 A salvaguarda do acervo

O acervo do CHCM está catalogado e referenciado em três distintas formas de suporte – arquivístico, museológico e bibliográfico – e corresponde a dois eixos principais, a *História Administrativa da instituição* e a *Educação*, contemplando as práticas escolares.

Para evidenciar e aprimorar essa organização interna desde o ano de 2015 uma nova gestão do acervo vem sendo realizada, e uma nova política de aquisição e descarte vem sendo implementada. Este processo tem proporcionado maior conhecimento sobre o que estava guardado, gerando o repensar sobre guarda ou descarte de documentos, bem como no estabelecimento de linhas de pesquisa e de ações de comunicação e educativas.

Cabe aqui uma colocação a respeito da reestruturação da gestão do Instituto ocorrida no ano de 2012, que transferiu a gestão do CHCM para a Universidade, mais especificamente, sob a supervisão da Pró-Reitoria de Extensão. Neste momento, o CHCM passa de apenas guardião da memória para local de pesquisa e cultura, alcançando não apenas a comunidade mackenzista, mas também o público externo, por meio de ações de extroversão consoante à

> […] uma ação museológica mais centrada nas expectativas das sociedades em relação aos acervos e menos nos compromissos vinculados apenas à divulgação dos resultados dos estudos das coleções e a respectiva preservação destes bens patrimoniais. (BRUNO, 2009, p.21)

Este modelo de ação atribui mais importância ao público e ao profissional do museu, onde a interação e a simetria dos papéis devem ser observadas para que “não se construa uma imagem para um em detrimento do outro”. (CURY, 2007, p.76).

Busca-se então organizar, catalogar e disponibilizar – física e digitalmente – os bens e documentos sob guarda do CHCM[3] para toda a comunidade interna e externa, para cumprir um dos principais objetivos estabelecido desde sua criação,

> estimular a pesquisa dos testemunhos históricos do Mackenzie, de forma ampla, por pesquisadores de diferentes origens e interesses, cuja produção acadêmica e científica venha a tornar cada vez mais amplos e frequentes os debates em torno desta instituição. (INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, 1997, p.33)

Em conformidade com a catalogação escolhida para parametrizar o acervo, podemos assim representá-lo:

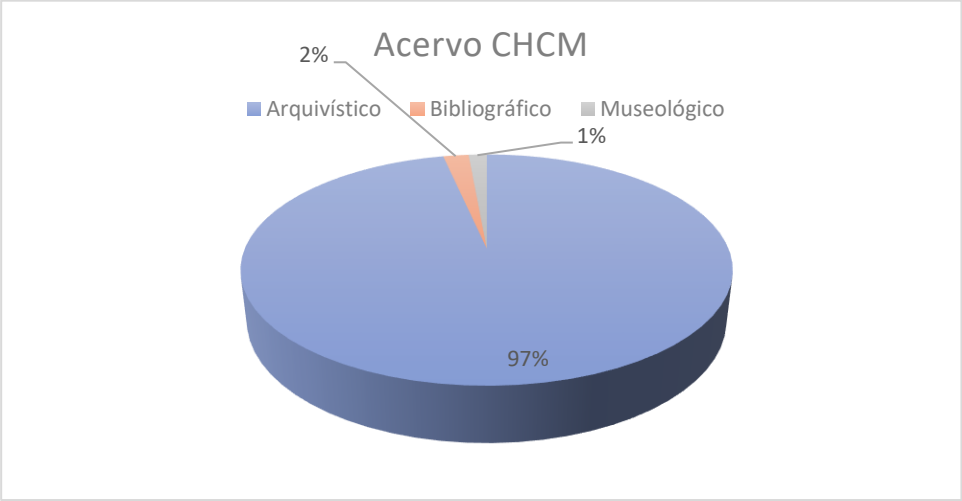


Figura 7:Representação Gráfica do Acervo CHCM. Fonte: Relatório anual de 2021

3.3 Acervo Arquivístico

O acervo Arquivístico, que é a maior parte do que o CHCM tem sob sua guarda, corresponde a todos os documentos produzidos pela instituição e que demonstram sua cultura organizacional, desvelam métodos e procedimentos

[3] A primeira organização do acervo foi realizada por empresa específica contratada para tal finalidade no ano de 1998.

escolares e contam sobre os alunos que passaram pelo Colégio, College e Universidade, em seus períodos mais próximos à fundação – final do século XIX e século XX – abrindo possibilidades de pesquisas na área da educação, modo de vida e cultura por meio dos documentos *gráficos textuais* (relatórios anuais, livros de matrícula, prospectos, fichas de alunos, projetos de arquitetos egressos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie etc.); *Iconográficos* (fotos avulsas de diferentes turmas de alunos, encomendadas anualmente para a composição dos relatórios, álbuns de fotografia, fotos institucionais de eventos etc.); *Fonográfico* (fitas K7, VHS e DVDs com gravação de eventos e memória oral).

Desta tipologia de acervo podemos estabelecer eixos de reflexões críticas e aproximações da história da instituição com a história da cidade em seus mais variados aspectos como a educação, a ocupação do território, e modos de vida social e cultural, aproximando-nos do interesse central deste trabalho que é analisar as potencialidades de extroversão do acervo do CHCM à luz das histórias e memórias do Mackenzie, em particular, de sua presença no espaço urbano de São Paulo.

A figura 8 ilustra um dos documentos mais antigos do CHCM, o Livro de Matrícula da “Escola Americana”, traz informações pessoais sobre os alunos que ali estudaram entre os anos de 1875 – 1884. Essas informações, além dos nomes e filiação, apresentam a nacionalidade e endereços daqueles estudantes, podendo subsidiar estudos sobre a presença dos imigrantes na São Paulo da segunda metade do século XIX tais como suas condições de moradia e como ocupavam a região central da cidade, seus trajetos entre escola e residência. Também podem servir para analisar o perfil dos núcleos familiares, das oportunidades de estudo, em particular, para as meninas, ou do cumprimento de todos os ciclos educacionais. Pesquisas complementares poderão identificar a relevância e contribuição de membros da comunidade
mackenzista também no campo religioso, político ou social.

Figura 8: Foto do Livro de Matrículas da Escola Americana referente ao período de 1875- 1884. Documento mais antigo sobre a Escola Americana no acervo do CHCM. Cabeçalho personalizado e a tabela com temas específicos para a finalidade do livro. Fonte: Acervo CHCM – Foto de Manoel Nascimento.

As pesquisas pretendem formular e comunicar sentido a partir do acervo, conforme recomenda CURY (2007), permitindo que “o público, sujeito criativo, redefina o discurso museológico ao interpretar e (re)significar.” (CURY, 2007, p.76)

Comunicar o acervo, estabelecendo diálogos com os públicos, por meio de atividades educativas, é parte da cadeia operatória de ações museológicas, que, quando implementadas, que permitem o gerenciamento da informação, a manutenção dos acervos, as múltiplas ressignificações inseridas nos discursos expográficos e a apropriação patrimonial pelos distintos segmentos da sociedade. (BRUNO, 2009).

Os Relatórios Anuais também constituem acervo com diferentes possibilidades de uso, tais como subsidiar estudos voltados à análise dos currículos, aos docentes e seus campos disciplinares, aos alunos dos cursos de Engenharia e Arquitetura ou mesmo sobre a rotina escolar. Compostos por documentos administrativos escritos primeiramente em inglês, que eram

apresentados ao "Board of Trustees"[4], abrangem, além das medidas administrativas e financeiras, relatos sobre as atividades cotidianas de funcionários e alunos. Encontram-se ainda nestes documentos todos os currículos, planos de ensino e quantidade de matriculados em cada série e curso. Essas informações permitem avaliar a influência e inserção da pedagogia americana utilizada no sistema de ensino brasileiro, principalmente em São Paulo, no que se refere a materiais utilizados, laboratórios construídos, práticas esportivas como parte do currículo, entre outros.

As indicações dos locais onde a escola funcionou mencionadas nos diversos relatórios, possibilitam o mapear a trajetória do Mackenzie em diferentes endereços do centro de São Paulo. Inicia localizando-se no bairro dos Campos Elíseos (1870), depois no centro, na Rua Líbero Badaró (1872) e posteriormente na Avenida São João (1876), nas proximidades da Praça da República, até chegar ao terreno no bairro de Higienópolis (1879)[5], onde é possível acessar os registros e plantas da ocupação predial atual.

A análise destes documentos pode ser cotejada com o estudo sobre o desenvolvimento urbano da São Paulo do final do século XIX, fazendo a escola ocupar diferentes endereços, trajeto que já guarda em si um potencial circuito para a reconstituição da história da presença da instituição na cidade. Ao percorrermos os endereços "*por onde o Mackenzie passou"* podemos observar uma série de edificações que participam da história da educação e do crescimento da cidade, tais como o Mosteiro de São Bento, o Edifício Sampaio Moreira, a Escola Caetano de Campos, o Edifício Itália e o Edifício Copan.

A partir do estudo das fichas de alunos, dos prospectos e dos "Projectos These" de conclusão dos cursos de Engenharia e Arquitetura, mantidas no acervo, é possível estudar o contexto em que foram gestadas e as referências que embasaram importantes edificações concebidas por membros da comunidade de engenheiros e arquitetos mackenzistas tais como Cristiano Stockler das Neves, Plínio Botelho do Amara, Jorge Wilhein, Elisário da Cunha

---

[4] O "Board of Trustees" era o Conselho Deliberativo da Missão Protestante que administrava o Mackenzie. Anualmente representantes deste conselho vinham ao Brasil para analisar e avaliar os relatórios anuais, aprovar orçamentos e diretrizes para a Escola.

[5] Nesta data foi comprado o terreno que hoje forma a esquina das ruas Maria Antônia e Itambé e neste endereço foram construídos apenas as instalações do Internato Masculino. A Escola Americana e o Mackenzie College se transferem definitivamente para este endereço no ano de 1920).

Bahiana, Franz Heep, Lauro da Costa Lima, Carlos Alberto Cerqueira Lemos, Alberto Botti e Marc Rubin, todos de alguma forma representados e representantes desta escola na cidade. Certamente, o fato desta ação de comunicação sobre a memória da instituição ser feita na cidade, possibilita análise críticas sobre a influência do Mackenzie nos rumos da região central da cidade, tais como a disputa em torno do seu valor econômico, cultural e social, as transformações sociais e urbanas, os conflitos entre usos comerciais e habitacionais, entre outros aspectos inerentes ao direito à cidade constantemente atualizados.

Figura 9: Imagens do Relatório Anual do Mackenzie College de 1908 e seu Suplemento. Estes documentos trazem as principais realizações anuais de cada área da Escola, bem como o balanço financeiro e fotografias das diferentes turmas de alunos e construções. Fonte: Acervo CHCM – foto de Manoel Nascimento

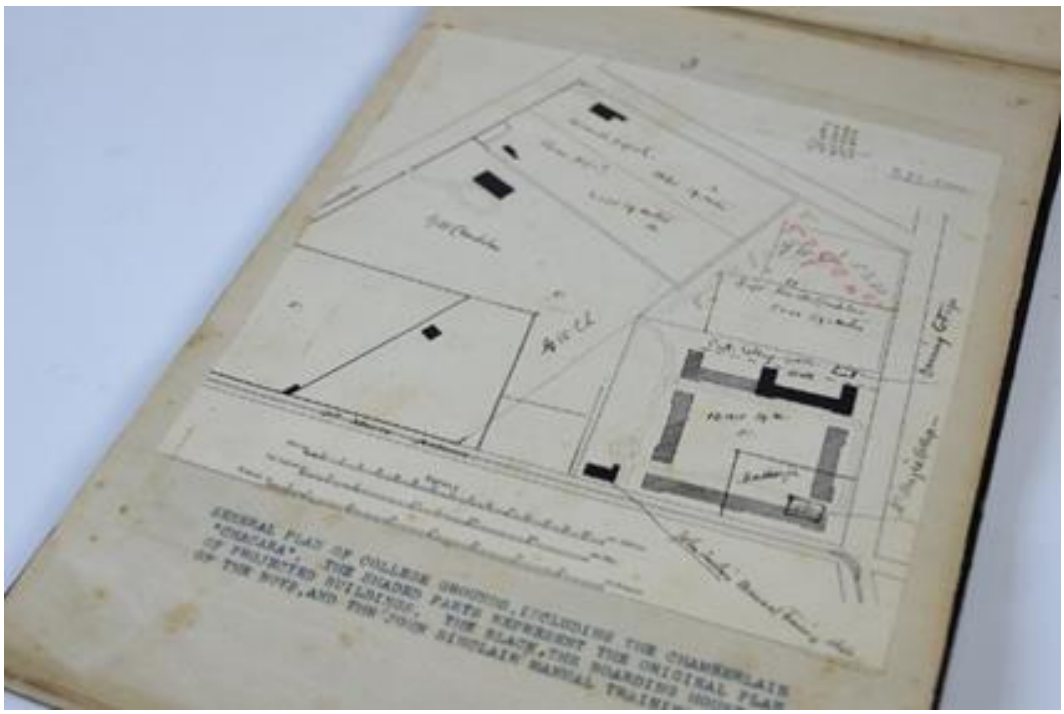


Figura 10: Suplemento do Relatório Anual do Mackenzie College de 1908 que complementa o relatório anual trazendo informações sobre as obras planejadas e realizadas no novo terreno em Higienópolis. Fonte: Acervo CHCM – foto de Manoel Nascimento

3.4 Acervos Bibliográfico e Museológico

O acervo Bibliográfico é composto por três coleções de origens distintas, que foram aceitas num período anterior à política de aquisição de acervo.

A primeira coleção é composta por obras que a Biblioteca central do Mackenzie, George Alexander, cede em comodato para a conservação e preservação. Essas obras são avaliadas e, quando consideradas especiais ou raras por seu caráter de especifidade temática, antiguidade ou por terem pertencido a professores e outras personalidades da história institucional, são separadas e preservadas para pesquisa.

A segunda coleção provém da doação da biblioteca particular do mackenzista Roberto Zuccolo. Engenheiro formado no Mackenzie na turma de 1946 e, posteriormente, um dos primeiros professores do curso de Arquitetura entre 1947 e 1967 – ano de sua morte – que, segundo registros escritos e publicados e relatos orais de antigos alunos, muito influenciou sua formação profissional, participando e auxiliando no início de suas carreiras empreendedoras. Esta coleção é acrescida de um vasto material gráfico textual que reúne parte de suas obras quando engenheiro responsável pelo planejamento e execução de pontes e estradas rodoviárias, não apenas na cidade como no estado de São Paulo.

A terceira coleção complementa a linha de pesquisa referente à educação e provém do acervo particular de Nilson Oliveira, pedagogo, entusiasta da educação e antigo Vice-Presidente Educacional do Mackenzie. Uma coleção recém-chegada ao acervo e ainda em fase de catalogação.

Por fim, o acervo museológico que é composto, em sua maioria, por mobiliários representativos do trabalho administrativo e escolar; troféus esportivos, materiais de laboratórios de Engenharia, Química, Elétrica e Mineralogia, além de outros utensílios de uso escolar, brindes e presentes oferecidos e trocados ao longo da história.

A gama de possibilidades de atuação se expressa nesta vasta quantidade de objetos e semióforos que, quando expostos, dialogam entre si e com o público tanto nas dimensões cognitivas quanto afetivas, e se tornam vias de conhecimento e exame da sociedade que representam. (Meneses, 1994).

Ao tratar da relevância dos acervos, Ulpiano T. Bezerra de Meneses

aponta a validade que eles apresentam para a cultura material enquanto vetores de relações sociais participando na produção e reprodução social.

De acordo com o autor

> [...] No museu nos defrontamos com objetos enquanto objetos, em suas múltiplas significações e funções – ao contrário, por exemplo, do que ocorre num supermercado. Objetos de nosso cotidiano (mas fora desse contexto e, portanto, capazes de atrair a observação) ou estranhos à vida corrente (capazes, por isso, de incorporar à minha as experiências alheias). Doutra parte, é a função documental do museu (por via de um acervo, completado por bancos de dados) que garante não só a democratização da experiência e do conhecimento humanos e da fruição diferencial de bens, como, ainda, a possibilidade de fazer com que a mudança – atributo capital de toda realidade humana – deixe de ser um salto do escuro para o vazio e passe a ser inteligível. Enfim, seria bom lembrar que, ao se falar em acervo, é preciso acrescentar ao acervo cartorialmente definido, de posse institucional do museu, aquele acervo operacional (porque é sobre ele que o museu opera), constituído por todo aquele tipo de evidencia- que pode estender-se a um território inteiro. (MENESES, 1994, p.12)

Em seu trabalho, Meneses (1994) está tratando do espaço do museu, mas aqui se aplica também à guarda e exposição de acervos históricos no espaço do Centro de Memória, quando este comunica sua história, enquanto cultura material fomentadora de questionamentos sobre o passado no presente e em suas potencialidades de “estender-se a um território inteiro” no qual se insere e com o qual estabelece seu vínculo de memória, que “tem passado e presente, *a memória tem história*.” (MENESES, 2018 p. 2, grifo nosso)

Faz-se necessário destacar que no ano de 2020, numa nova mudança de gestão do CHCM na instituição, três novos eixos de pesquisa[6] foram estabelecidos para nortear o trabalho, a saber: a) *Educação*: linha de pesquisa que envolve uma preocupação com os fundamentos e práticas educativas. Estuda os aspectos filosóficos, históricos, socio antropológicos, organizacionais e metodológicos do currículo, do ensino e formação docente. Trabalha a história da educação, da pedagogia, das instituições, das reformas escolares, da formação de professores(as), bem como biografias docentes, ideias, práticas educativas e políticas educacionais. As ações nessa linha, são baseadas em recortes históricos, pedagógicos e buscam perceber a influência da pedagogia americana e cristã, já discutida no primeiro capítulo, na sociedade brasileira. b)

[6] Estes eixos foram propostos por ocasião da celebração dos 150 anos da Instituição como balizadores para a produção científica de artigos e livros de cada Unidade Acadêmica da Universidade e estão sendo colocados na nova Política de Acervo que está em fase de aprovação.

Cidade: linha de pesquisa onde se encontra o tema desta dissertação, que possibilita a análise crítica das transformações da cidade contemporânea, processo de produção do espaço urbano; urbanização e urbanismo moderno e contemporâneo; intervenções urbanísticas com ênfase nos problemas emergentes e soluções atuais, em perspectiva transformadora. Espaço construído e público, agentes, instrumentos urbanísticos, política urbana, projeto urbano e plano urbanístico, intervenção e sustentabilidade; patrimônio cultural e intervenção em centros históricos e áreas degradadas, ambiente e sustentabilidade; historiografia do urbanismo moderno e contemporâneo brasileiro e c) *Sociedade*: incluem-se aqui as pesquisas que proponham estudos históricos de processos políticos, sociais e culturais que envolvam a política institucionalizada, direitos e cidadania, as relações sociais politizadas em diversos campos, tais como mundo do trabalho, família, religião, ideias, movimentos sociais etc. Reúne investigações sobre questões da sociedade, da alteridade em diálogo com a qual se constroem identidades e consciências sociais. Relações entre e dentre sociedades que se reconhecem a partir da alteridade através de uma relação de complementaridade, oposição, similaridade, antagonismo e afinidades.

A pesquisa do acervo e sua comunicação têm sido discutidas e orientadas para demonstrar a penetração e interação do Mackenzie nestas áreas, o que inspira este trabalho e seu objetivo de analisar as potencialidades de extroversão do acervo do CHCM evidenciando e refletindo sobre os marcos constituídos pela instituição no espaço urbano do centro de São Paulo.

3.5 Alcance das ações do CHCM na salvaguarda da memória institucional

As reflexões sobre os conceitos expostos acerca da construção da memória institucional e a salvaguarda de acervos que as fundamentem, nos levam a apurar o olhar da curadoria, em conjunto com os demais setores de conservação.

Entende-se então que as ações curatoriais de comunicação e extroversão do acervo devem ser elaboradas de modo a estabelecer e promover procedimentos de estudos e pesquisas e a salvaguarda das coleções e acervos, mas *consolidando ações de comunicação e educação.* (BRUNO, 2008, p. 14

grifo nosso).

Em linhas gerais, as ações do CHCM desde 1997 até sua total mudança de gestão em 2012[7], sempre propuseram como objetivo apresentar à comunidade a história da instituição por meio de linhas do tempo e exposições comemorativas.

A mudança de gestão se deu atendendo à diretriz número 2 do 8º objetivo do Plano Estratégico Mackenzie (PEM):

> Manter e aperfeiçoar as políticas institucionais de extensão, responsabilidade social, responsabilidade ambiental, de cultura e filantropia", especificamente a diretriz 2 [...] Otimizar a gestão e ampliar as atividades do Centro Histórico Mackenzie e transferir sua gestão para a UPM. (INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, 2012, p. 14)

À vista disso as ações são todas repensadas e voltadas a estabelecer relações e diálogos da história da instituição e suas reverberações na sociedade atual, atendendo não apenas à comunidade mackenzista como ampliando a atuação para alcançar a comunidade externa.

São então elaborados novos processos visando promover o aumento e a qualificação dos profissionais e o cuidado com o acervo, estabelecendo parcerias e contratações de empresas especializadas em digitalização do acervo bibliográfico, higienização, acondicionamento e catalogação dos acervos arquivísticos e museológicos.

Houve também a preocupação e o incentivo a práticas de comunicação do acervo, incentivando e fomentando pesquisas, patrocinando exposições temáticas, criando um projeto educativo que possibilitou o aumento do público atendido em atividades específicas de formação, além do incentivo à realização de atividades culturais gratuitas e abertas para o público externo como exposições de artistas plásticos convidados, participação em atividades culturais promovidas pela Prefeitura de São Paulo, shows musicais, palestras e mini cursos de arte e cultura.

Para atingir estes propósitos, efemérides comemorativas e personagens

---

[7] Retomando que, de 1997 até o ano de 2012 o CHCM era gerido e prestava contas diretamente à Administração geral do Instituto Presbiteriano Mackenzie, quando o Conselho Deliberativo, na elaboração do novo PEM: 2012-2020 determina em um de seus objetivos que o CHCM passe a integrar a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) em sua área de atuação de Extensão e Cultura.

históricos se tornam temas de exposições, debates e outras atividades que proporcionem a reflexão sobre a pertinência da história institucional, sua atualidade e possibilidades de extroversão, considerando “em síntese que a Museologia articula *objetos interpretados com olhares interpretantes*.” (BRUNO, 2015, p.4 grifo nosso).

Assim todas as atividades propostas devem buscar uma qualidade comunicacional com capacidade de despertar consciência, estimular questionamentos e pensamentos críticos. (CURY, 2007). A interdisciplinaridade e pluralidade de áreas do conhecimento e de atuação também têm se mostrado fatores que ampliam a qualidade comunicacional das atividades.

A implementação de didáticas dialógicas de Educação Patrimonial relacionadas às práticas do Turismo Cultural, como as propostas de roteiros, caminhos e trajetos que proporcionem a vivência entre os visitantes e transeuntes com o local em seus usos, e o uso de novas tecnologias – como os códigos de resposta rápida (QR Code) com transmitem mensagens, informações, imagens ou dicas – permitem uma relação viva com o passado, de algo que se vivencia no presente.

A história da Escola Americana, o embrião do que hoje é o Colégio Presbiteriano Mackenzie, da Escola de Engenharia e da Faculdade de Arquitetura, que são as mais antigas unidades acadêmicas e seus principais atores – alunos e professores – são temas que compõe uma gama de ações de comunicação do acervo. As ações são realizadas no próprio espaço expositivo do prédio como em outros espaços da instituição, no sentido de aproximar e formar um novo público. A aderência e receptividades mensuradas nas visitações e participações nas atividades propostas de educativo, justifica e embasa a realização de uma proposta extramuros, conforme a indicação que se faz no 3º capítulo.

Na tabela 1 temos esses dados em relação às exposições realizadas ao longo dos últimos anos com temas diretamente ligados à Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura, utilizando os relatórios do CHCM como principal fonte.

Tabela 1: Exposições realizadas com temas relacionados à E.E. e FAU

Exposição	Tema	Acervo utilizado	Visitação pública	Público aproximado	Educativo
100 anos da Revista de Engenharia	Protagonismo estudantil na produção de um canal de comunicação	Revistas de Engenharia; Materiais didáticos laboratoriais das Engenharias; Fotografias de laboratórios e atividades de campo; Texto de apoio baseado em relatórios e documentos oficiais.	Junho a setembro/2015	850 visitantes	Sim
145 anos: Uma História em Muitas Histórias	Comemoração dos 145 anos do Mackenzie ressaltando a participação de funcionários e alunos nesta história.	Fotografias do cotidiano da Escola e Universidade ao longo dos anos; Mobiliário escolar e administrativo; Texto de apoio baseado em relatórios e documentos oficiais.	Outubro/2015 a janeiro/2016	1.600 visitantes	Sim
Biografias: 146 anos de Mackenzie	Comemoração dos 146 anos do Mackenzie destacando personalidades – professores e administradores.	Fotografias das personalidades destacadas; Documentos biográficos dos destaques; Mobiliário escolar e administrativo; Texto de apoio baseado em relatórios e documentos oficiais.	Outubro/2016 a fevereiro/2017	1.500 visitantes	Sim
100 anos da Faculdade de Arquitetura	Comemoração dos 100 anos do início do curso de Arquitetura como parte da Escola de Engenharia e dos seus 70 anos como FAU.	Fotografias do cotidiano escolar da FAU; Mobiliário escolar; Croquis de professores; Texto de apoio baseado em relatórios e documentos oficiais.	Junho a outubro/2017	1.300 visitantes	Sim
125 anos da Escola de Engenharia	Comemoração dos 125 anos de instalação da Escola de Engenharia .	Fotografias do cotidiano escolar; Materiais didáticos laboratoriais das Engenharias; Texto de apoio baseado em relatórios e documentos oficiais.	A partir de dezembro de 2021	Exposição montada no Hall de entrada do Ed. Henrique Pegado onde funciona atualmente a Escola de Engenharia.	Não

Fonte: organizada pela autora com base nos relatórios anuais das atividades do CHCM

Nestas exposições foram observados os seguintes eixos curatoriais:

100 anos da Revista de Engenharia – a proposta curatorial desta exposição teve dois principais eixos: a) Histórico: Mostrar o fazer educacional da Escola ao longo do tempo e b) Ressaltar o protagonismo dos alunos ao longo do tempo.

A Revista de Engenharia, projeto criado pelos alunos desde os anos de 1915, traduz o protagonismo deles, na publicação de seus artigos e estudos. Outro viés da publicação era a aplicação da produção das engenharias no mercado de trabalho, demonstrado nas propagandas e ofertas de emprego mostrada nas revistas.

A exposição foi montada utilizando o acervo museológico – na figura 11 uma das capas de revistas de Engenharia utilizadas na exposição – e fotográfico, com os quais foram criados painéis ilustrativos cenários retratando os aspectos educacionais ao longo da história, como os diversos laboratórios e atividades educativas do cotidiano dos alunos – conforme ilustra a figura 11. A figura 12 traz a linguagem comunicacional utilizada que buscou a aproximação do tema com o público.

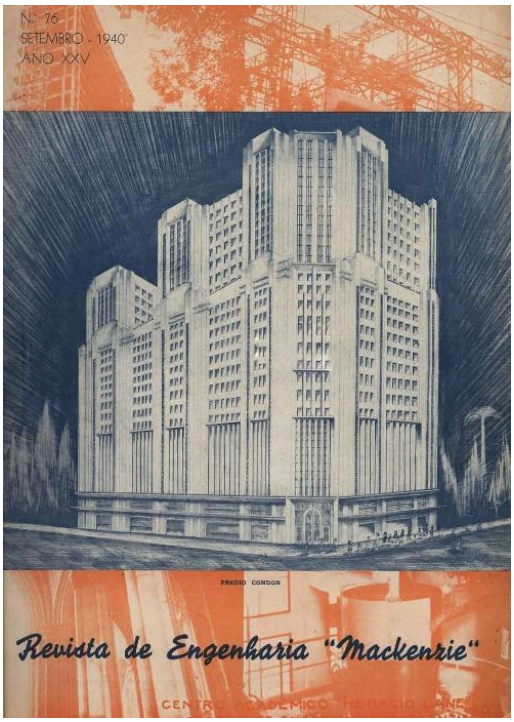


Figura 11: Revista de Engenharia Mackenzie, n.76, ano 25 – setembro de 1940. Fonte: Acervo CHCM

Figura 12: Imagem utilizada na exposição retratando um laboratório do curso de Engenharia Elétrica – sem especificação da data. Os equipamentos que aparecem na imagem estão no acervo e foram utilizados na exposição. Fonte: Acervo CHCM. Autor desconhecido

Figura 13: Marca e Arte Gráfica da Exposição 100 anos da Revista de Engenharia Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM

145 anos: Uma História em Muitas Histórias – O eixo curatorial desta exposição foi histórico e dialógico, prestigiando as pessoas que fizeram e fazem a história do Mackenzie. Foram selecionadas cenas de turmas de alunos no cotidiano da Escola e Universidade (figura 14) em diferentes décadas e dispostas numa grande parede emoldurada como um álbum aberto (figura 15). A exposição permitiu aos visitantes a oportunidade de participar de uma atividade interativa contando suas histórias no Mackenzie, escrevendo mensagens com o tema "Minha história se encontra com a história do Mackenzie quando..."

Figura 14: Foto das turmas de alunos do 1º ao 5º ano da Faculdade de Arquitetura, registrada no Relatório Anual de 1953.Acervo CHCM

Figura 15: Marca e Arte Gráfica da Exposição 145 anos: Uma História em muitas histórias. Acervo CHCM

Biografias: 146 anos de Mackenzie – o eixo curatorial desta exposição foi biográfico, apresentando, numa concepção moderna de arte gráfica trazendo cores às fotos preto e branco do acervo (figura 16), a biografia de alguns Mackenzistas que atuaram colocando em prática seus conhecimentos e suas realizações profissionais, buscando despertar no visitante – mackenzista ou não – uma identificação com sua história escolar ou de pertencimento, no registro livre em áudio e vídeo de suas próprias biografias.

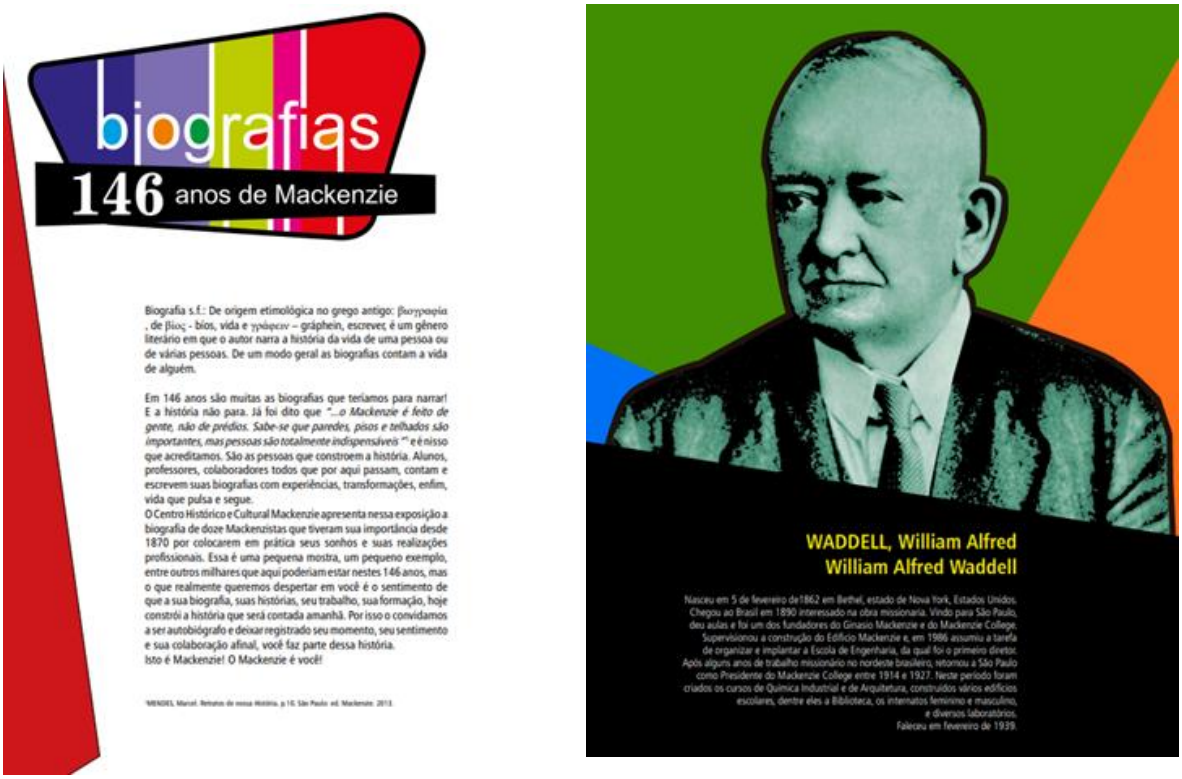


Figura 16: Marca e Arte Gráfica da Exposição Biografias: 146 anos de Mackenzie. As fotos originais foram utilizadas e alteradas graficamente para compor a exposição. Fonte: Acervo CHCM

100 anos da Faculdade de Arquitetura

O eixo curatorial desta exposição foi histórico, pontuando os dois "nascimentos" da Faculdade de Arquitetura. O primeiro, quando na Escola de Engenharia em 1917 os alunos cursavam as matérias de arquitetura juntamente com as matérias da engenharia e tinham como registro o título de "Engenheiros-Arquitetos" e o segundo, que surge em 1947, com o aumento da procura de alunos para o curso de Arquitetura e para a melhoria das práticas didáticas

necessárias. O projeto gráfico (figura 17) buscou reunir as imagens do acervo retratando atividades curriculares e as produções dos alunos, como vemos na figura18.

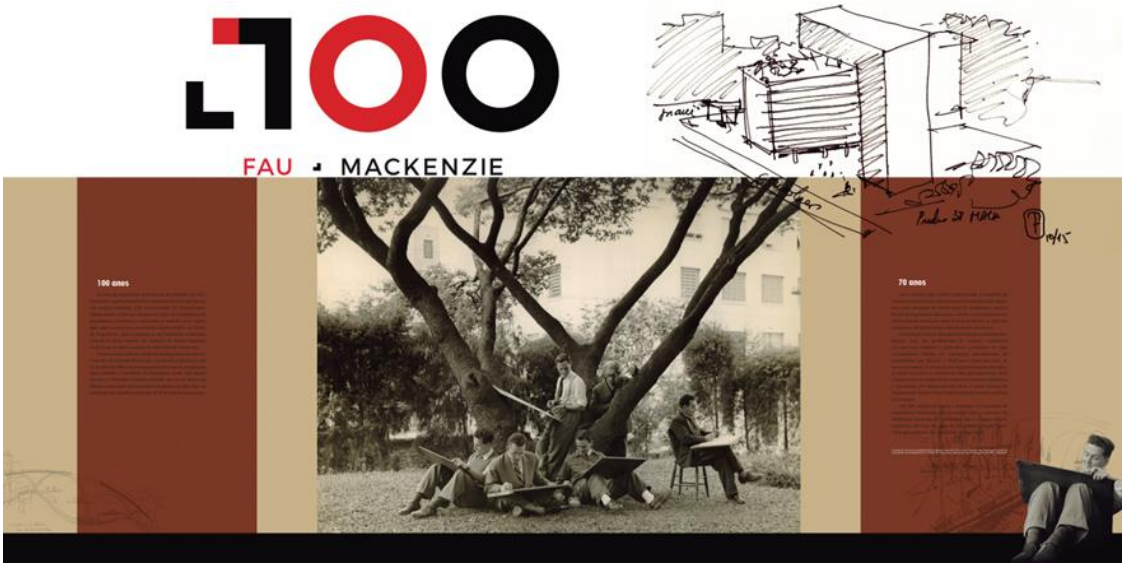


Figura 17: Marca e Arte Gráfica da Exposição 100 anos da FAU Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM

Figura 18: Projeto e Estudo "Um Palácio Presidencial" de 1935 - uma doação da família de Walter Saraiva Kneese. Fonte: Acervo CHCM

125 anos da Escola de Engenharia

Com um caráter mais informativo a linha curatorial deste Spot de Memória se utiliza de mobiliários, objetos educacionais (figura 17), textos e imagens (figura 19) que, ao mesmo tempo fossem elucidativos da história da Escola e que provocassem a reflexão do leitor.

Figura 19: Marca e Arte Gráfica da Exposição 125 anos da Escola de Engenharia. Fonte: Acervo CHCM

Todas estas exposições foram de caráter temporário e demonstraram, pela presença e observação empírica em relação a participação do público, serem um canal eficiente de comunicação museológica.

Não há a sistematização desses registros de participação. Este limita-se a quantificação de visitantes na contagem das assinaturas no livro de presença de cada exposição. As informações são apenas dos relatos dos educadores – estagiários e “Jovens Aprendiz” que desempenham outras funções e, durante os períodos de exposição, são preparados pela curadoria e realizam os atendimentos agendados – ou de técnicas e métricas digitais, impede o maior aprofundamento na análise de respostas do público em relação a apresentação e apropriação do acervo.

No entanto, as atividades educativas com crianças, jovens e adultos e a oportunidade de interação com o conteúdo mostraram-se positivas nas respostas e na avaliação da aprendizagem observada por meio da realização das propostas. Esta avaliação foi observada na participação ativa e a quantidade de vídeos, depoimentos realizados durante as vivências em cada uma delas.

Ainda como produção de conteúdo histórico referente aos egressos e professores, o CHCM promove a coleta de memória oral, por meio de vídeos áudio visuais e pela doação de gravações, apenas em áudio, de depoimentos e testemunhos destes personagens. A tabela 2 mostra o que tem sido produzido sobre os professores e egressos da E.E e FAU no programa denominado Projeto Memória Mackenzista, considerando a gravação em áudio e vídeo e a transcrição.

Nestes depoimentos os entrevistados contam de suas experiências durante o período em que estiveram no Mackenzie, enquanto alunos e professores, bom como o transcorrer de suas carreiras profissionais e realizações.

Essas entrevistas são fonte de conteúdo relevantes sobre o fazer a cidade e complementares para utilização em exposições dentro e fora do CHCM. A pesquisa em relação a cada uma delas ainda se limita a questões de conservação e preservação. Sobre este acervo não foi realizado nenhum estudo e seu teor, apontando potencialidades de uso, precisa ser alvo de um olhar curatorial mais preciso.

Tabela 2: Projeto Memória Mackenzista – egressos e professores da E.E. e FAU

Convidado	Formação	Ano de gravação
Walter Saraiva Kneese	Engenheiro-Arquiteto: aluno, professor e Diretor da Escola de Engenharia	1997
Zilda Sampaio Perroni	Arquiteta-Engenheira: aluna e professora	1997
Hoover Américo Sampaio	Arquiteto: Aluno, professor e diretor da FAU	2011
César José Maria Ribeiro	Engenheiro: Aluno	2015
Tito Lívio	Arquiteto: Aluno e professor	2019

Fonte: organizada pela autora com base nos relatórios de acervo CHCM.

As pesquisas feitas no CHCM por diferentes usuários também são um indicativo do alcance do acervo em diferentes interesses. O cuidado com o registro e parametrização da realização dessas pesquisas está sistematizado a

partir de 2017[8], conforme os dados apresentados a seguir.

Na elaboração destes gráficos[9] foram mensuradas as motivações que levaram às pesquisas e a procedência institucional dos pesquisadores. As questões relacionadas aos temas pesquisados não fazem parte deste estudo, pois o interesse maior é mostrar a filiação dos pesquisadores que acessam o acervo, qual tem sido o alcance da instituição ao público externo e quais os principais usos das pesquisas.

Foram registrados apenas os acessos aos acervos arquivísticos – documentos, imagens, produções – por serem os de tipologia mais expressivos, tanto em relação à quantidade como na potencialidade como fontes de consulta.

O acesso ao de acervo é franqueado a qualquer pesquisador de maneira gratuita. As solicitações e agendamentos são feitos por endereço de e-mail próprio e, por não estar totalmente digitalizado, o acesso é feito por intermedio dos técnicos de acervo que disponibilizam imagens e elementos textuais. Ao pesquisador também pode comparecer pessoalmente para realizar suas atividades.

As pesquisas são validadas quando do preenchimento do Termo de Responsabilidade quanto ao Uso e de Imagem e de Reprodução de Bens Culturais e Documentos. Este foi elaborado para garantir a legalidade da adequada identificação dos acervos consultados e delimitar os propósitos do uso. Por ser um termo final do processo, fez-se a opção de analisá-los para a elaboração dos gráficos.

Neste termo o pesquisador aponta que tipo de assunto motivou a pesquisa. Esses assuntos foram elencados nas seguintes motivações: a) Acadêmica – referentes às pesquisas utilizadas para a elaboração de trabalhos acadêmicos em seus mais diversos níveis; b) Editorial – referentes ao uso do acervo como ilustração de artigos, livros e mesmo exposições; c) Institucional – consultas feitas pelos setores internos, ou outras instituições, com finalidade de esclarecer dúvidas históricas ou captar imagens para as mais variáveis finalidades; d) Pessoal ou Familiar – referentes a busca de dados próprios ou de

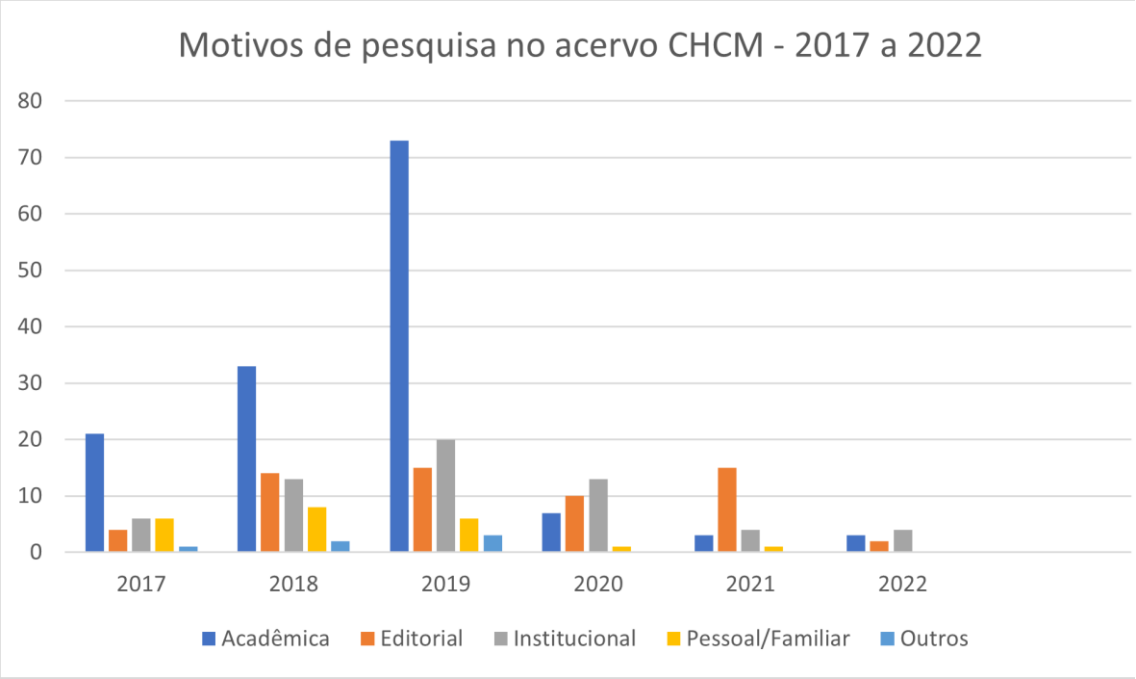
---

[8] As informações antes deste período não se encontraram organizadas e não há o registro preciso das motivações de pesquisas de acervo.

[9] Os gráficos percentuais referentes a cada ano de referência seguem nos anexos a este trabalho para consulta.

parentes que fizeram parte da instituição enquanto alunos ou funcionários, com o fim de complementar histórias familiares, ou verificar documentação e por fim; e) outros motivos como: pesquisas em assuntos específicos e técnicos para a realização de demandas profissionais[10].

Gráfico 1: Dados referentes aos motivos de pesquisa ao acervo CHCM – 2017 a 2022



Fonte: Elaborado pela autora com base no controle administrativo do setor de pesquisa do CHCM

Podemos afirmar que o acervo tem uma vasta procura para a elaboração de trabalhos acadêmico – por alunos mackenzistas e de fora, conforme o gráfico 2 vai mostrar - que podem ser em diferentes níveis de escolaridade e aprofundamento. Observa-se a potencialidade deste acervo para fins editoriais em trabalhos publicados – livros, periódicos, artigos, e outros – ou utilizados em exposições de outras instituições em ilustração de assuntos ou fonte de citação.

No ano de 2019, especificamente, os alunos da FAU foram estimulados a realizar seus trabalhos da disciplina Restauro e Patrimônio - Técnicas Retrospectivas sobre as construções tombadas pelo CONDEPHAAT dentro do campus Higienópolis. Esta recomendação dos professores é um estímulo à pesquisa e a apropriação do acervo do CHCM e atende a uma parceria com

[10] Podemos citar aqui as consultas técnicas ao acervo do Engenheiro Roberto Zuccolo.

professores dos mais distintos cursos como parte do Projeto Educativo[11] da curadoria e da área técnica de acervo com as Unidades Acadêmicas e Colégio.

A motivação de pesquisa Institucional, tem sua relevância quando o próprio Instituto utiliza o acervo para suas produções, ilustrações da própria história e mesmo para a confecção de brindes comemorativos,

Como afirma PAZIN (2015) “o acervo histórico preservado, quando tratado adequadamente, é fonte para o desenvolvimento de projetos, serviços e produtos variados, dando apoio às ações institucionais.” (PAZIN, 2015, p.1). Estes usos do acervo do CHCM evidenciam isso.

A motivação Editorial apresenta, assim como a Acadêmica, uma maior aderência e possibilidade de contato do acervo com o público externo, pois a gama de assuntos que envolve, ilustra e exemplifica diferentes trabalhos em inúmeras linhas de pesquisa.

As pesquisas com fins editoriais, no ano de 2021, junto ao Ensino Fundamental I do Colégio, fizeram parte de uma ação em conjunto sobre o tema Mackenzie 150 anos. Os alunos, ainda num modelo híbrido de educação presencial e a distância, participavam de palestras e visitas guiadas à exposição de longa duração *“Isto é Mackenzie”*[12] e pesquisavam imagens e documentos no acervo sobre seus subtemas. Estes foram inseridos nas produções de redações para a elaboração de um livro que as reúne, denominado Lermack[13].

Ações educativas como essas, vêm sendo elaboradas e executadas trazendo os alunos aos espaços museológicos e oferecendo materiais específicos para cada faixa etária, incentivando a pesquisa científica em fontes primárias. Outro dado que que podemos analisar no gráfico 1 é a procura motivada por pesquisas pessoais ou familiares.

Ao analisar a procedência do pesquisador, como mostra o gráfico 2 pode-se observar que o alcance é ainda circunscrito à própria instituição e suas produções.

Os motivos que levam a esses indicadores caminham em duas principais

---

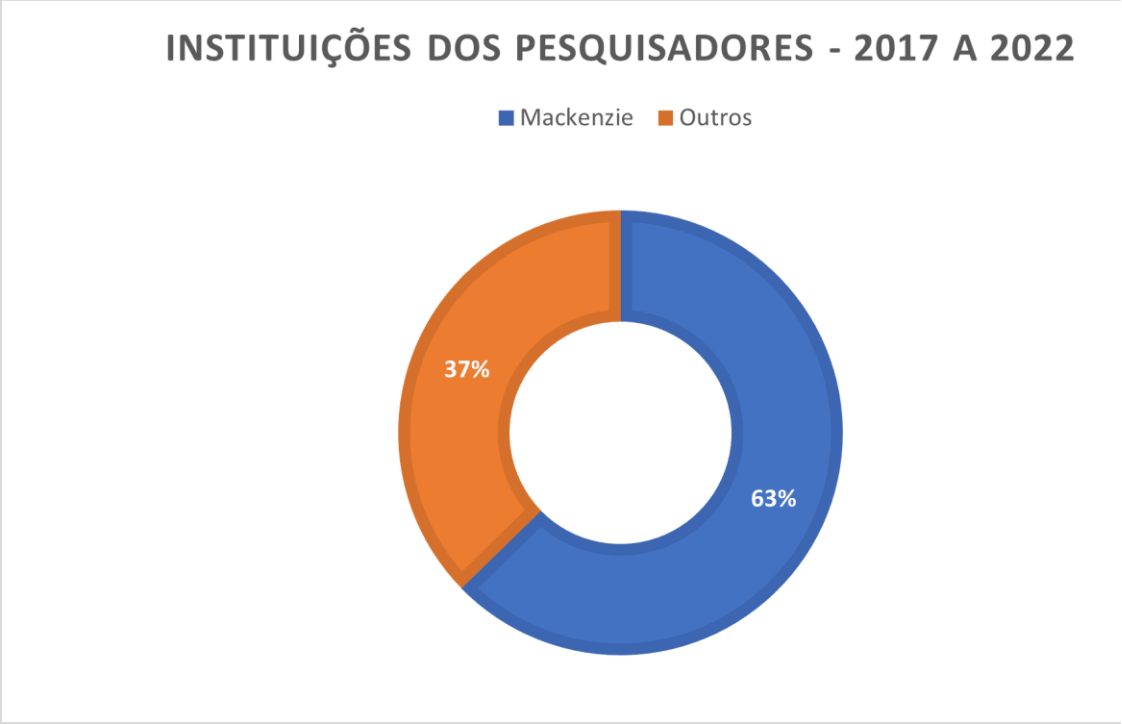
[11] Este projeto foi interrompido durante o período da Pandemia e vem sendo retomado aos poucos.

[12] Exposição que apresenta uma linha do tempo sobre a história do Mackenzie, contando fatos relevantes utilizando o acervo.

[13] O LERMACK é uma produção anual que reúne redações individuais, escolhidas pelos professores, e produções coletivas de alunos de todas as séries do Colégio Presbiteriano Mackenzie.

vertentes, quais sejam o conhecimento, por parte da comunidade, da existência e potencialidade deste acervo e perpassam pela difusão de como e onde os resultados destas consultas e pesquisas têm sido comunicados.

Gráfico 2: Percentual total de instituições dos pesquisadores – 2017 a 2022



Fonte: Elaborado pela autora com base no controle administrativo do setor de pesquisa do CHCM

A utilização das linhas de pesquisa e atividades envolvendo debates de temas relacionados ao currículo escolar, podem ser propostas para esse objetivo. Essa intervenção social, no campo museológico, por meio de ações reflexivas, analíticas e operacionais na comunicação extramuros do acervo, propiciará a construção de ressignificações deste.

Proposições curatoriais que apliquem aos objetos interpretados, olhares interpretantes (BRUNO, 2015), e envolvam técnicas e estratégias educativas para a operacionalização das ações específicas da comunicação – as exposições, mas acima de tudo ações educativas-culturais – possibilitará a amplitude de discussão, articulação e divulgação desta Memória.

Explorar essa memória por meio de itinerários culturais como uma ação de comunicação museológica alargada, ao mesmo tempo promoverá a aproximação da comunidade à instituição ampliando possibilidades de conhecer

melhor a história cidade, e será canal para implementar as atividades oferecidas pelo projeto educativo e cultural do CHCM.

4 LIMITES E POSSIBILIDADES NA GESTÃO E SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO MACKENZIE

Manter a documentação de mais de 150 anos de trajetória dentro de uma instituição de ensino é um processo educativo por essência. Rostos, turmas e seu legado na construção da cidade ressoam permanentemente em documentos, fotografias e na paisagem urbana, sendo constantemente renovados pelos alunos e docentes do Mackenzie, num processo dinâmico que sempre deve ser registrado, preservado, comunicado.

O inventário desta documentação, diversa, esparsa e dinâmica, colabora para tornar conhecida a coleção sob guarda do CHCM, mas também coloca o desafio de lidar com um patrimônio extramuros impossível de ser incorporado a uma coleção, se pensada exclusivamente da perspectiva da musealia, de objetos de museu fora de sua ambiência de origem. Essa coleção permite a pesquisa e a extroversão do seu conteúdo, e conhecer o acervo é também fundamental para estimular sua preservação.

As atividades de preservar, investigar, documentar, divulgar e estimular reflexões críticas sobre a sociedade por meio do acervo tangível e intangível, intramuros ou extramuros, do Centro de Memória do Mackenzie, remontam a história da instituição ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, constituindo não só uma referência identitária para a comunidade Mackenzista, como circunscrevendo sua relevância no contexto urbano, tanto material quanto simbólico. Além disso, contribui para a compreensão do desenvolvimento da história da educação no estado de São Paulo e no Brasil.

Os processos museológicos, na busca do equilíbrio entre os procedimentos de salvaguarda e comunicação, submetem a novos olhares aquilo que foi visto, selecionado e preservado. (Bruno, 2004)

> Os encadeamentos entre as intenções de planejar e percorrer, percorrer e olhar, olhar e perceber, perceber e selecionar, selecionar e registrar, registrar e coletar têm servido paras as mais diferentes propostas museológicas, estão na base da formação de inúmeros acervos e têm orientado a lógica e a função social de diversas instituições. (BRUNO, 2004, p.38)

A constituição e tratamento da coleção do CHCM, ao realizar estes mesmo processos museológicos e respeitar as premissas de um Centro de

Memória Institucional, desempenha um papel importante ao contribuir para o posicionamento da instituição na sociedade e para desenvolver um sentido de pertencimento nos que por ela passam, bem como para que o público externo possa conhecê-la e perceber sua ação na formação da cidade. Pazin (2015) ao explicitar a importância dos centros de memória para as instituições e a sociedade, aponta para algumas áreas em que a memória pode contribuir com a organização. A reputação institucional, a cultura organizacional e a gestão do conhecimento. Nas palavras da historiadora:

> [...] A memória institucional – entendida como a representação que o grupo faz do próprio passado, construída a partir dos dados de sua trajetória – pode demonstrar a importância de cada colaborador dentro do contexto institucional. É o que chamamos de pertencimento. Conhecer a história na qual se insere dá novo sentido ao trabalho desempenhado pelas pessoas e pode transformá-las em agentes de fortalecimento da cultura. (PAZIN, 2015)

Vários atores estão envolvidos na história de uma instituição de ensino. São administradores, funcionários, professores e alunos que, ao longo dos séculos têm construído a imagem da instituição, não obstante o caráter passageiro do acolhimento e do período de formação dos indivíduos. Ao CHCM, cabe explorar as diferentes dimensões do pertencimento destes sujeitos que constituem a instituição tanto quanto comunicar a forma como seu legado se manifesta na cidade e na sociedade. É nesse contexto que o CHCM mobiliza seu acervo para a exposição histórica, que, conforme a Meneses (1994, p.22), deve examinar as questões de existir como convenção e como linguagem, ou seja, como convenção visual e organização de objetos para produção de sentido.

Botttalo (2013, p.31) ao expor o sentido dos museus na sociedade contemporânea destaca que as coleções e a memória que os objetos preservados evocam, não apenas preservam o passado, mas o atualizam trazendo para esse momento a possibilidade de presentificação que se dá tendo os objetos como vetores de memória.

Essa experiência museológica que, ainda segundo Botttalo (2013), é de caráter individual e seu grau de interação depende de uma série de fatores ligados ao interesse de cada perfil de público e de cada indivíduo, se dá então pela relação de comunicação, de interação.

As ações do CHCM devem propiciar o diálogo que perpasse a

contemplação e usual valorização dos personagens sem a análise das consequências e apagamentos de suas ações, bem como do apagamento da memória de tantos quantos trabalharam para a realização dos projetos visitados.

Uma dessas ações é o projeto proposto sob o título “O Mackenzie Passou por Aqui” cujo escopo é identificar, em distintas regiões da cidade, edificações de autoria projetual ou construtiva de mackenzistas e sinalizá-las, com uma marca gráfica específica que direcione a informações por meios digitais.

Os turistas, e mesmo transeuntes citadinos, poderão acessar individualmente essas informações, sem necessariamente estar participando de circuitos ou roteiros guiados. O conteúdo informativo é todo baseado em documentos do acervo do CHCM complementados com dados específicos, do ponto de vista construtivo e da relevância sociocultural e econômica do local para a cidade.

Um piloto deste projeto vem sendo desenvolvido no Campus Mackenzie Higienópolis[14]. Em parceria do CHCM com a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e setores administrativos responsáveis pelas obras e manutenção do campus, as edificações estão sendo setorizadas por temas de interesse de suas funções, identificadas por números e seus nomes oficiais. Os setores definidos são:

a) História, Tradição e Cultura, que reúne as edificações mais antigas e com algum grau de tombamento;
b) Tecnologia e Saúde, reunindo laboratórios e prédios destinados aos cursos das engenharias e ciências biológicas;
c) Pioneirismo e Inovação, onde estão os cursos de novas tecnologias e o colégio;
d) Institucional, edifícios dedicados aos gabinetes do Instituto, Universidade e Chancelaria;
e) Educação Básica, onde se encontram a Ed. Infantil e Ensino Fundamental I e II.

Trinta e três edificações do campus recebem o nome de uma

[14] A setorização e identificação visual dos edifícios já foram implantadas. As informações adicionais ainda estão em fase de elaboração.

personalidade relevante na história do Protestantismo no Brasil, da Igreja Presbiteriana ou do próprio Mackenzie. Coube ao CHCM acrescentar imagens que mostram a ocupação do campus no decorrer do tempo e suas transformações e informações em todos eles, que serão acessadas via plataformas digitais.

Este projeto vem complementar as informações oferecidas na atividade educativa de Educação Patrimonial praticada pelo CHCM, o Passeio Histórico que percorre o quadrilátero mais antigo do Campus.

Sobre cada uma das personalidades homenageadas a pesquisa realizada no acervo tem colaborado aportando informações biográficas e algumas imagens. Destacam-se neste trabalho os três primeiros edifícios (figura 20) que são o Ed. Mackenzie, Ed. George Alexander e Ed. Horace Lane.

Figura 20: Vista das fachadas dos primeiros edifícios construídos com frente para a rua da Maria Antônia. Da esquerda para a direita aparecem Ed. Horace Lane, Ed. George Alexander e Ed. Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM

Sobre essas edificações o acervo do CHCM contribui com as imagens das personagens e as seguintes informações:

Ed. Horace Manley Lane (figura 19) – Prédio 3:

Sobre a edificação: Construído em 1912, para abrigar cursos da Escola de Engenharia. Sua construção segue o modelo dos edifícios já existentes no

campus com seu alicerce em sapata e tijolos aparentes.

Faz parte do conjunto arquitetônico tombado pelo patrimônio.

Sobre a utilização atual: abriga a Faculdade de Direito.

Biografia do homenageado:

Horace Manley Lane nasceu em 1837 nos Estados Unidos. migrou para a cidade do Rio de Janeiro aos 22 anos onde trabalhou como comerciante e professor de inglês. Ali, nos anos de 1860, conheceu o missionário George Chamberlain.

Voltou aos Estados Unidos em 1870 para estudar Medicina, permanecendo aí até 1885 quando assume a liderança da Escola Americana a convite de George Chamberlain.

Seu mandato na direção do Mackenzie foi o mais longevo. Permaneceu no cargo até outubro de 1912.

Durante sua administração dele, edifícios foram construídos, o conselho de curadores foi criado, a denominação institucional tornou-se Mackenzie College, cursos superiores foram criados e o ensino básico prosperou em número de alunos.

Lane participou política e socialmente como um dos articuladores, em 1890, da Reforma da Instrução Pública, nomeando as professoras Márcia Brown e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade para a organização das escolas-modelo da rede pública de educação do estado.

Ed. George Alexander - Prédio 2

Sobre a edificação: obra iniciada em 1924 e inaugurada em 1926.

Sobre a utilização: Neste edifício funciona a Biblioteca Central, que tem sua importância por ser a primeira biblioteca construída em ambiente escolar com este fim e devido à sua arquitetura, com quatro andares de acesso direto aos livros.

Sobre o homenageado:

George Alexander nasceu no estado estadunidense de Nova Iorque em 1843 e estudou Teologia no Seminário de Princeton. Durante sua vida, mudou-se para inúmeras cidades atendendo aos pedidos pastorais da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Fez parte e presidiu o Conselho de Curadores, o Board of Trustees, que avaliava os relatórios do Mackenzie.

Ed. John Theron Mackenzie – Prédio 1

Sobre a edificação: Inaugurado em 1896 para ser a Escola de Engenharia, recebeu este nome em homenagem ao seu financiador que fez a doação 50 mil dólares para sua construção e que acabou dando seu nome à Instituição, como forma de homenagem e pela vontade dos alunos.

Sobre a utilização: Atualmente, após os trabalhos de restauro, entre os anos de 1999 e 2004, abriga o CHCM.

Sobre o homenageado:

John Theron Mackenzie nasceu em Nova Iorque, Estados Unidos, em 1818.

De raiz familiar protestante, descobre o projeto educacional iniciado por missionários presbiterianos em terras brasileiras e, no intento de contribuir de alguma forma aos trabalhos, declara, em testamento, o interesse de doar uma quantia em dinheiro a Escola Americana, para que um edifício fosse construído uma escola de engenharia aos moldes estadunidenses.

Falecido em 1892, a família cumpre o intento e a doação soma 50 mil dólares. No documento ele requisita como uma contrapartida, ser homenageado tendo seu nome destacado na instituição.

O nome John Theron Mackenzie é dado ao edifício construído na esquina das ruas Maria Antônia e Itambé e, posteriormente, a institucional da instituição agrega o sobrenome Mackenzie.

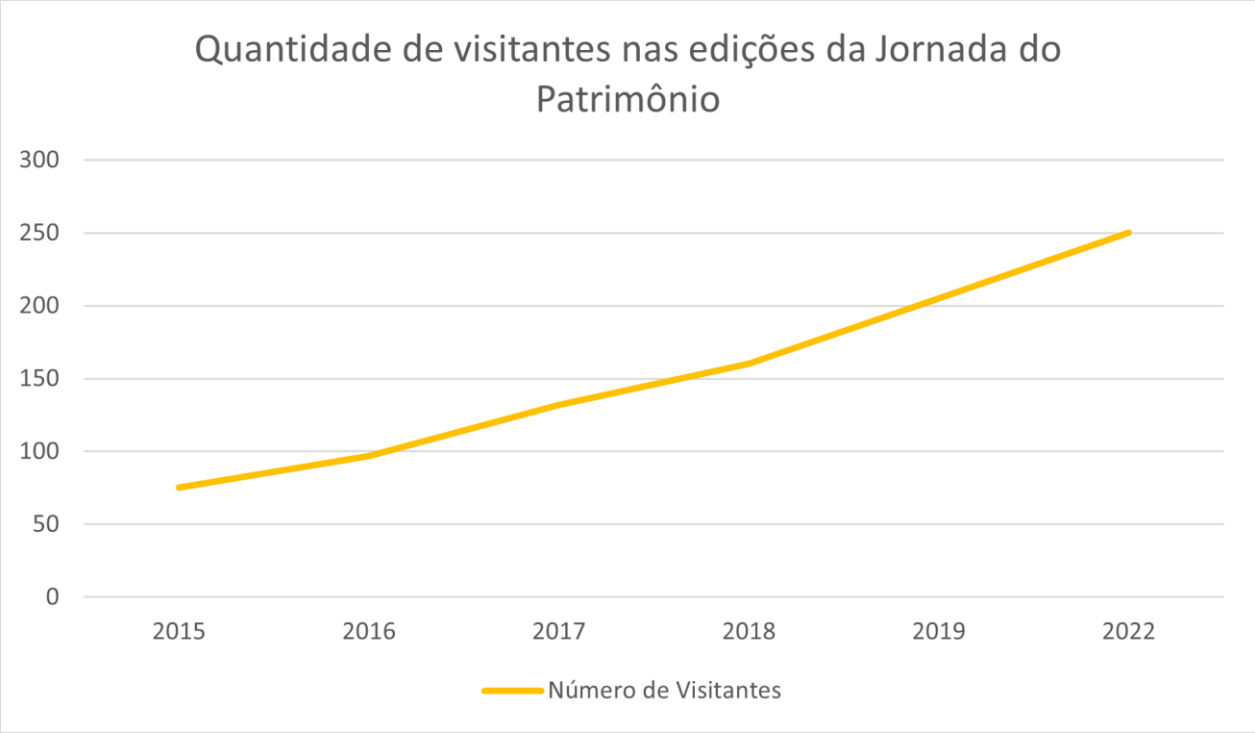
Experiências de realização do Passeio Histórico têm demonstrado que o diálogo que essas informações trazidas produzem aquisição de novos conhecimentos. É preciso, numa dimensão ainda maior, favorecer o diálogo que estimule o pensamento crítico sobre o fato do enaltecimento desses personagens, homenageados em nomes de edificações mais relevantes no Campus, e que deixam à margem os funcionários, alunos imigrantes, de outras origens e crenças. Numa discussão do papel do museu ao selecionar que memória é esquecida em detrimento à que é contada. (Meneses, 2019)

Outra problematização não contextualizada nestas descrições é o diálogo do campus e sua finalidade com o ambiente e as questões da ocupação da cidade e esses edifícios.

Como um meio de integração com a cidade, o CHCM tem participado das Jornadas do Patrimônio promovidas pelo Departamento do Patrimônio Histórico

da cidade de São Paulo, desde a primeira edição em 2015[15], oferecendo este roteiro para o público. O interesse e participação vem se ampliando a cada edição como mostra a tabela 4:

Tabela 4: de quantidade de visitantes nas edições da Jornada do Patrimônio – 2015-2022



Fonte: Elaborado pela autora com base nos relatórios administrativos do CHCM

O interesse de público na programação aponta para a aderência de um itinerário que tenha em seu escopo um olhar pedagógico que propicie, além da comunicação do acervo, a reflexão sobre ele.

Neste de evento, além da oportunidade de contato com o património material preservado há a oportunidade de discussão, em oficinas e palestras, sobre a utilização desses bens, a importância de sua preservação enquanto testemunha do crescimento da cidade e de como ela tem se formado, com cada um de seus personagens.

Há também a possibilidade de expansão do debate da história da Instituição quando se dá a inclusão do campus em outros roteiros, sugeridos na Jornada, que percorrem a circunvizinhança ou tem histórias e temas que se

[15] Nos anos de 2020 e 2021 a Jornada aconteceu de maneira “virtual” e o CHCM participou com o Passeio Histórico gravado e disponibilizado no canal do Youtube: @chcmackenzie. O número de visualizações não foi contado como visitantes

entrelacem, favorecendo a discussão de como o Mackenzie influencia e é influenciado nesse movimento de construção da cidade.

4.1 A cidade que os itinerários do CHCM descortinam

Como já discutido anteriormente, a urbanização da cidade de São Paulo passa pelos olhares e projetos de arquitetos e engenheiros egressos da FAU – Mackenzie. Fau-USP, E.E. Mackenzie e Escola Politécnica USP. Boa parte das edificações projetadas, que alteraram os rumos e contornos da cidade, que são de escritórios destes egressos e professores, hoje são considerados patrimônios culturais por sua relevância na história do avanço de técnicas construtivas.

Neste panorama nos interessa examinar as edificações assinadas por Mackenzistas no Centro Antigo de São Paulo, que pode compor um circuito cultural urbano, chamado aqui de Trajeto Mackenzista, delineado na figura 21.

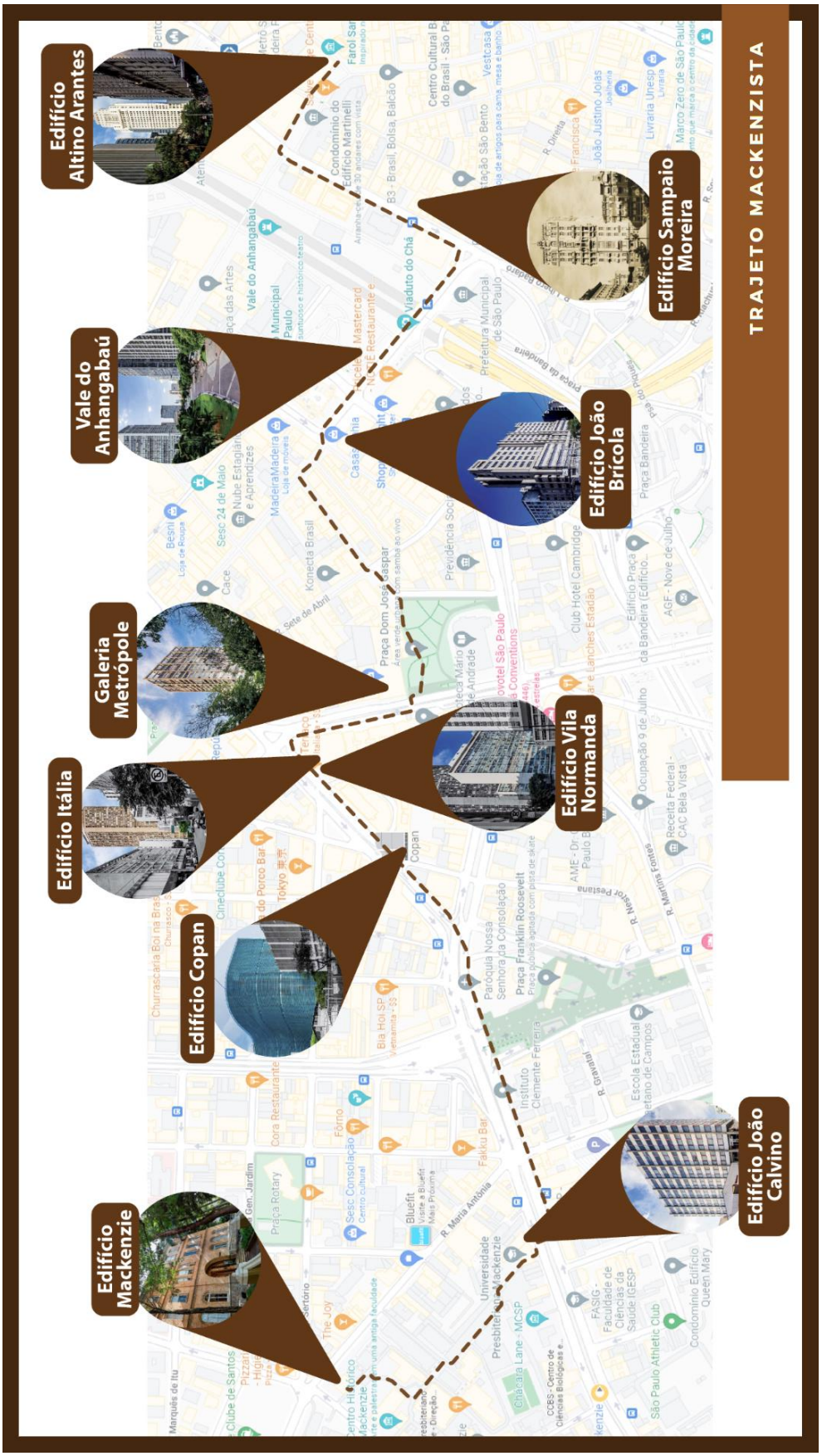


Figura 21: Trajeto Mackenzista pelo Centro Antigo e Higienópolis. Fonte: Google Maps com marcações pela autora

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional a atribuição de valor de patrimônio aos bens culturais é a base para sua preservação, seja para abrigá-los nos museus, seja para sua conservação nos contextos em que foram construídos. Aqui, pensamos ações de valorização e salvaguarda de um patrimônio que permanece em sua ambiência original, por meio de uma prática pedagógica que busca aproximar a comunidade do acervo e da memória que preserva. A prática dos percursos urbanos como fonte de conhecimento sobre a cidade amplia sobremaneira o sentido de espaço museológico e ultrapassa os muros do Centro de Memória. Afinal,

> as informações que são extraídas das paisagens, cidades, prédios e objetos, que os transformam em documentos, também os transformam em patrimônio. Isso porque são apropriados para a construção de conhecimento, constituindo-se em fontes de novas produções culturais, em referências de identidade e de história. (MOTTA, 2003, p. 139).

A referência para traçar os itinerários culturais e converter os remanescentes edificados em documentos históricos é a autoria ou execução dos projetos arquitetônicos dos edifícios e espaços urbanos por alunos egressos ou professores das faculdades de Engenharia e Arquitetura do Mackenzie como marcadores da memória da instituição na cidade. Considera-se assim, que

> a memória é uma construção no presente, a partir de indicadores culturais relativos às experiências que os indivíduos e os grupos sociais elaboram com seus semelhantes (expressões), com as paisagens (lugares) e com as coisas (artefatos), em suas formas de subsistência, sociabilidade, celebração e representação. (BRUNO, 2015, p. 1).

Articulando as memórias mackenzistas às questões do presente, propõem-se um percurso pelo centro da cidade de São Paulo à luz do que Meneses (1994) define como “living museum", ou seja, um museu ao ar livre que se utiliza dos edifícios para, como um museu histórico, explorar, não sínteses históricas sensoriais, mas a transformação dos objetos em documentos históricos. Em vez de teatro, laboratório, com tudo aquilo de criador que essa ideia contém. (MENESES, 1994, p.33)

Conforme Paes-Luchiari (2006) a sucessão do tempo na dinâmica das áreas centrais urbanas permanece como memória nas edificações e estruturas remanescentes.

É assim pois, que a incursão pelo território se dá a partir do chamado

Triângulo Histórico, formado por três igrejas católicas – Igreja Nossa Senhora do Carmo, de 1592; Igreja de São Bento, de 1598 e Igreja de São Francisco, de 1647 – onde se deu a primeira ocupação da então Vila de São Paulo de Piratininga e de onde partiu o crescimento da cidade. O perímetro conhecido hoje por “Centro Velho” ou “Centro Histórico” pode ser observado na figura 2. A planta de 1897, porém, anuncia de certa forma a expansão urbana, pois além da cidade existente, representa parte dos planos de futuros arruamentos, podendo ser considerada um esboço do que São Paulo viria a ser nas próximas décadas (SIMONI, 2012). Para Simoni, mais do que a representação da cidade real, a planta de 1897 é um retrato da sociedade paulistana em um momento de grande instabilidade e mudanças econômico-sociais. (SIMONI, 2012, p. 325)

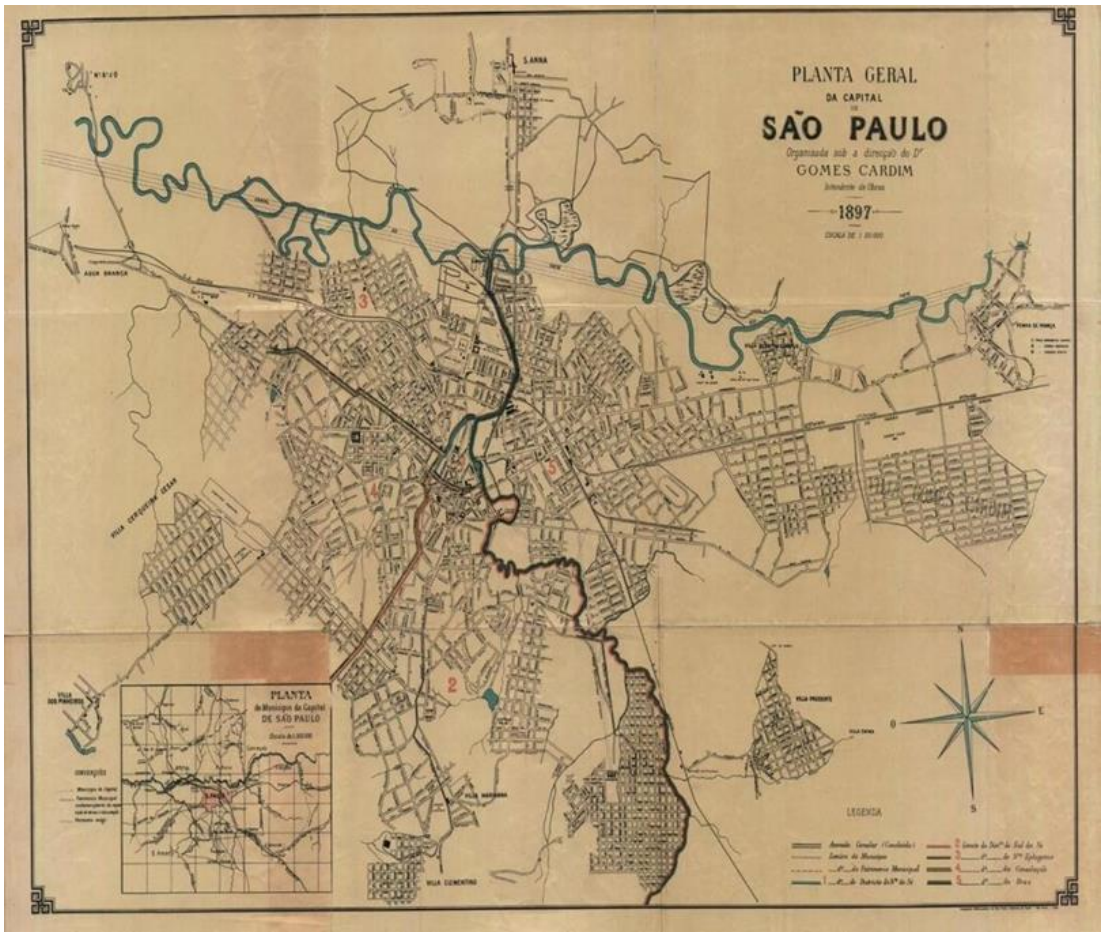


Figura 22: Planta Geral da Capital de São Paulo de Gomes Cardim - 1897. Fonte: Acervo Histórico Municipal

Como lembra Zuffo (2009), em seus três primeiros séculos de existência,

São Paulo não ampliou sua área construída, permanecendo restrita ao ‘triângulo’ [...]. No entanto, no século XX, a cidade entrou num intenso processo de construção/destruição[...] e, de um pequeno burgo, tornou-se importante centro urbano num processo abrupto e veloz (ZUFFO, 2009, p. 72-73). Carlos Lemos lembra que em 1875, no começo da euforia remodeladora, São Paulo tinha menos de três mil prédios, em 1900 já eram vinte e um mil e em 1910, trinta e dois mil. Ou seja, todas as velhas obras de taipa, muitas ainda do tempo da colônia, foram derrubadas e substituídas por outras de tijolos. (...) Havia de se exorcizar a pecha de caipira. (LEMOS, 1987, p. 73)

A maior parte dos projetos e edifícios que compõe o itinerário, insere-se em um período de grandes transformações e crescimento da cidade de São Paulo, que buscava construir uma imagem que suplantasse seu perfil colonial por meio da exaltação do progresso, da riqueza e dos avanços tecnológicos (TRAGANTE, 2017). O período em que se concebe boa parte das edificações projetadas e/ou construídas por engenheiros e arquitetos mackenzistas é um momento de entusiasmo com a verticalização, a urbanização e a industrialização, mas que passa aos poucos a conviver com problemas urbanos e contradições sempre mais visíveis na cidade. As escolas de engenharia, os engenheiros e seus discursos, certamente têm papel central na construção desse imaginário de cidade que cresce e se urbaniza. Nesse sentido, a ambiência do percurso urbano é um lugar potente para problematizações e para a tomada de consciência sobre a cidade tal qual nos propõe o professor Ulpiano,

> sendo imperioso desnaturalizar a cidade, fazê-la percebida como artefato, artifício, coisa criada, instituída pelo homem, para si, para seus interesses, contra, eventualmente, interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente, submetida a forças e mecanismos que podem ser identificados. (MENESES, 2003, p.279)

O itinerário urbano proposto como comunicação extramuros do acervo do CHCM percorre um trajeto de aproximadamente 2 km iniciando no Centro Histórico de São Paulo e finalizando no campus Higienópolis do Mackenzie. São oito edifícios contemplados no percurso, todos concebidos, projetados ou edificados com participação ativa de professores ou egressos da Escola de Engenharia ou da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie e que constituem marcos na história da cidade.

O percurso tem início no **Edifício Altino Arantes** (figura 23), localizado

na rua João Brícola. Datado de 1939, foi a antiga sede do Banco Banespa, atual Santander e é de autoria do Engenheiro-Arquiteto Plínio Botelho do Amaral, formado no Mackenzie na turma de 1927. Altino Arantes, que dá nome ao edifício, foi presidente do banco entre os anos de 1926 e 1930. Com 161 metros de altura, foi o prédio mais alto do país por cerca de duas décadas entre os anos 1930 e 1940. Segundo a revista francesa Science et Vie, a maior estrutura de concreto armado do mundo, pois seu concorrente Empire State Building de Nova York, possuía estrutura metálica (SALES, 2014, p. 79). Com 35 andares e 14 elevadores, segue a corrente Art Déco, no auge entre os anos 1930 e 1940, possui acabamentos suntuosos, como o uso de granito polido e bronze no piso do saguão e paredes revestidas em mármore. O quinto andar, usado para abrigar a presidência e as diretorias, é revestido em madeira jacarandá paulista, executada pelo Liceu de Artes e Ofícios. Impossível enumerar aqui os detalhes de sua infraestrutura, dos seus elementos construtivos e decorativos, mas a materialidade desse bem merece ser analisada também por suas representações imateriais, pelas relações de saber e poder relacionadas à sua produção, pelo que simboliza. O Banespa tem origem em 1909, como Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo e investidores estrangeiros para financiar a cafeicultura paulista, sendo nacionalizado em 1919 pelo governo paulista ao tornar-se acionista majoritário, quando passou a se chamar Banco do Estado de São Paulo – Banespa, em 1927. Com sua expansão, ganha uma sede condizente com suas dimensões, no centro de São Paulo (SALES, 2014, p. 78-79) Seu impacto visual, sua imagem- referência, seu simbolismo na construção identitária local, seu alto padrão construtivo são alguns dos aspectos que exprimem as dimensões da materialidade do poder econômico do Banco e a concretização de um desejo paulistano por grandiosidade (SALES, 2014).

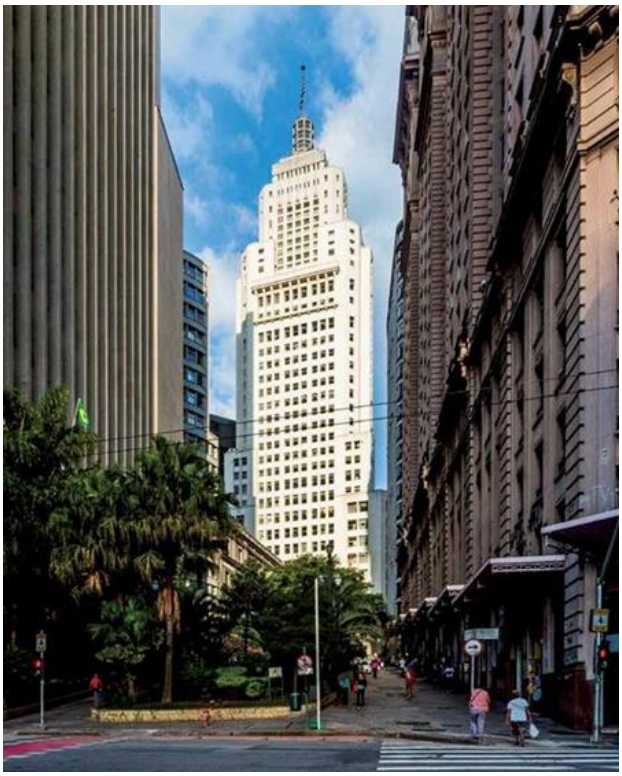


Figura 23:Edifício Altino Arantes. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 – p. 70

Um dos mais icônicos objetos desta seleção é o **Edifício Sampaio Moreira** (figura 24), localizado na Rua Líbero Badaró, reconhecido como um dos primeiros edifícios de grande porte vertical construído na década de 1920 utilizando-se de estrutura de concreto armado, tecnologia inovadora à época e que impulsionou o desenvolvimento da verticalização da cidade, embora se argumente que o edifício Martinelli tenha transmitido com mais eloquência as novas possibilidades de crescimento vertical (SOMEKH, 1997, pp. 88). Mas, conforme estudo de Carrilho (2014) o Edifício Sampaio Moreira se destacou por muitos anos na paisagem do Vale do Anhangabaú,

> […] pelo contraste de sua estrutura vertical situada entre o palacete Conde Prates e o Palacete que abrigava a sede da Prefeitura. Este edifício marcaria também, entre outros, uma característica desencadeada pelo plano urbanístico proposto por Victor Freire para o anel que circulava o Triângulo, especialmente nos eixos formados pelas ruas Líbero Badaró e Boa Vista. [...] (CARRILHO, 2014, p.6).

Sua autoria é de Christiano Stockler das Neves – criador e primeiro diretor do curso de Engenheiro-Arquiteto vinculado à Escola de Engenharia Mackenzie College – e de seu pai, o engenheiro Samuel das Neves. Inaugurado em 1924,

o prédio de 50 metros de altura e 14 pavimentos, de estilo eclético, também se destaca no avanço das práticas de planejamento da arquitetura, construção e engenharia civil no uso de elevadores importados montados da América do Norte. Todos estes aspectos são emblemáticos do período: o fenômeno da verticalização, a industrialização brasileira do cimento que viabiliza estruturas em concreto armado, a oferta de energia elétrica, a hegemonia do ecletismo.

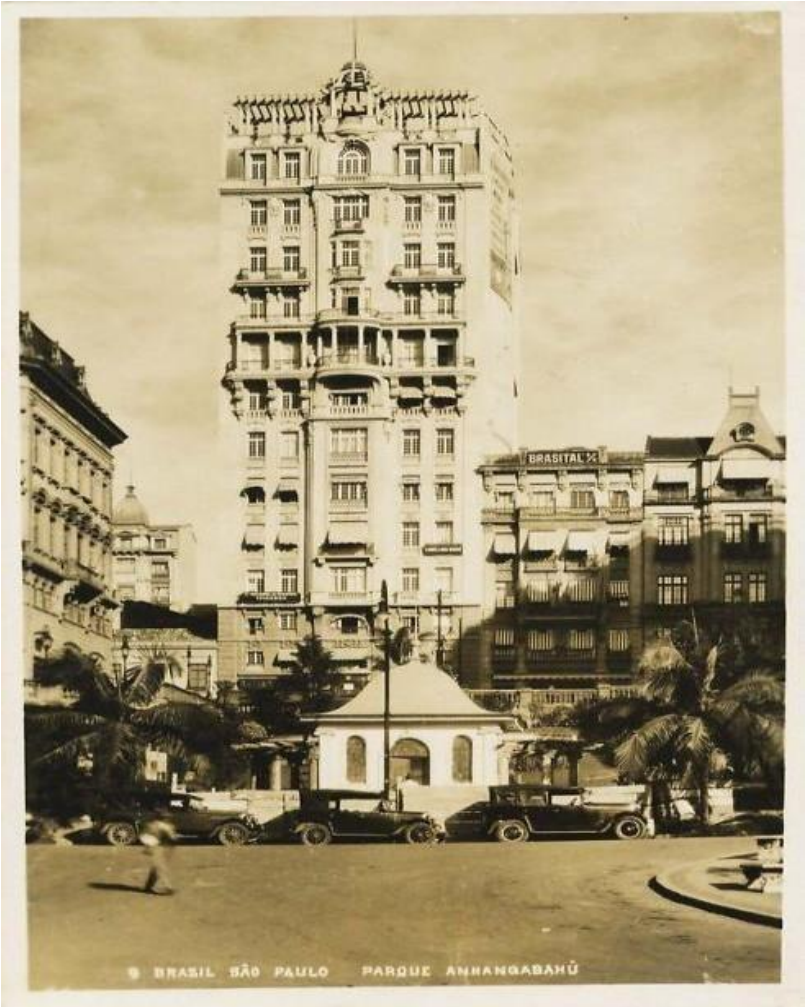


Figura 24:Edifício Sampaio Moreira. Fonte: Relatório do Projeto de Pesquisa: O Centro Histórico de São Paulo: Documentação e Estudos de Reabilitação, 2014

O estudo de Carrilho (2014, p. 5) ainda aponta que estas realizações materializavam avanços econômicos e técnicos que vinham ocorrendo num ambiente de intensa mudança e desenvolvimento que a cidade de São Paulo assistia no século XX [...] e nos leva a examinar a característica formacional dos engenheiros e arquitetos que, no período entre as décadas de 1920 a 1950,

foram grandes responsáveis pela verticalização da cidade.

Christiano Stockler das Neves especializou-se em Arquitetura na Scholl of Architecture (Fine Arts School) da Universidade da Pensilvânia, no período de 1909 a 1911, após sua formação inicial no curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica de São Paulo, em 1907. Neste período nos Estados Unidos conviveu e foi aluno de diferentes mestres europeus que incorporavam ao ensino, métodos e princípios teóricos das escolas de Belas Artes francesas.

Mendes (2017) ao expor a trajetória de Christiano Stockler, ressalta que em seu regresso a São Paulo, ele procurou aplicar e difundir os conceitos que absorvera, fazendo as devidas contextualizações, sintetizando as tradições acadêmicas francesas com as influências norte-americanas, na formação dos arquitetos no Mackenzie College.

Conforme o Anuário do Mackenzie College de 1942 vemos este interesse nas próprias palavras de Stoclker:

Empolgado com os métodos das universidades norte-americanas para o ensino de arquitetura, pensei, ainda nos bancos acadêmicos, em trazê-los para o nosso país. Aqui chegando, aguardei o momento oportuno para isso, na convicção de que faria obra patriótica e útil, organizando um curso moldado nos das grandes instituições de ensino dos Estados Unidos. (ANUÁRIO, 1942, p.40)

Sua participação foi central na criação da formação de engenheiro-arquiteto, perpetuando sua concepção de ensino através do recrutamento de docentes e da direção da Escola entre 1917 e 1956, tendo inclusive gerado conflitos entre uma nova geração de estudantes que buscavam modernizar o curso (ROSATTI, 2016). A escolha e contratação de professores, os currículos, as disciplinas e os conteúdos programáticos da então formação de Engenheiros-Arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie e, a partir de 1947, Faculdade de Arquitetura, que são parte do acervo do CHCM, nos permitem analisar as características e tendências da formação dos egressos deste curso que, quando no exercício de suas atividades profissionais, participaram ativamente da construção e modificação da paisagem urbana do centro de São Paulo, a exemplo das edificações que destacamos ao longo deste percurso.

A cidade se expandia e a região central passava a se constituir nó fundamental de conexão entre os novos bairros. Espaço de encontro e lazer, de passagem, de manifestações políticas, as transformações no Vale do

Anhangabaú o tornam modelar do processo de urbanização da cidade, passando por canalização de rios e córregos, inauguração de viadutos e ampliação de ruas e avenidas, intervenções paisagísticas, conjuntos escultóricos projetados nos anos 1920, atravessamento por vias expressas nos anos 1930, demolições de palacetes e instalação de edifícios cada vez mais altos. Entre as propostas constantes de remodelação destaca-se o concurso proposto pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) nos anos 1980, vencido pelos Arquitetos Jorge Wilhein – formado pelo Mackenzie em 1952 e professor da Faculdade de Arquitetura – Jamil José Kfouri e da Arquiteta Rosa Glena Kliass – da Universidade de São Paulo, com um projeto dedicado a devolver aos pedestres a área central ocupada então por veículos, consequência da opção pelo automóvel que também marca a cidade fortemente.

Seguindo o percurso, encontramos em frente ao Teatro Municipal o **Edifício João Brícola** (figura 25), de 1936, que ficou conhecido como Prédio do Mappin, uma loja de departamentos originada na tradicional loja inglesa Mappin & Webb, fundada no século XVIII na Inglaterra. O advento das lojas de departamento acrescentava à vida dos paulistanos "a experiência da fantasia e da sedução do consumo vivenciado nas grandes metrópoles" (LOBATO, 2018, p. 88), um espaço de consumo, lazer e sociabilidade, com salão de chá, biblioteca, além de cenógrafos e figurinistas produzindo suas vitrines (LOBATO, 2018).

Figura 25: Edifício João Brícola. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 67

O Mappin foi inaugurado em 1913 em um edifício na rua XV de Novembro, em 1919 se mudou para a Praça do Patriarca e apenas em 1939 passou a ocupar o Edifício João Brícola, quando iniciou seu processo de maior popularização (LOBATO, 2018, p. 118). O prédio é de autoria do Professor do Mackenzie e do Arquiteto Elisário da Cunha Bahiana, que também é o autor da requalificação do Viaduto do Chá em 1938. Abascal (2017 p. 123) ressalta a influência de Cunha Bahiana como docente na FAU Mackenzie na década de 1950 por meio dos exercícios realizados nas disciplinas Pequenas e Grandes Composições passariam a exibir uma expressão clássica modernizada, que no início dos anos de 1950 reproduziam o Art Déco, estilo utilizado em ambas as construções. Aliás, Carlos Lemos se refere a este arquiteto como grande cultuador do Art- Déco entre nós, tendo sido aqui o precursor da corrente no final dos anos 1920, acrescentando que no âmbito popular, este estilo era chamado de futurista (LEMOS, 1987, p. 97). Um edifício que vale a pena sublinhar por ter sido o primeiro Art-Déco, embora fora do itinerário aqui proposto, é o Saldanha da Gama, projetado também por Elisário, em 1928. A partir dos anos 1930, o estilo

se popularizou, passando a dialogar mais estreitamente com a produção industrial e a possibilidade maior de reprodução. A arquitetura Art Déco é assim um outro marcador da modernização da paisagem urbana, com a geometrização dos ornamentos em contraponto com os estilos clássicos utilizados até então. Assim, essa gramática de estilos nos permite aludir ao campo de signos e significações formados na experiência, na dimensão do que é vivido onde seus sujeitos são agentes sociais cujos lugares sociais é necessário identificar (MENESES, 2003, p. 264).

No Centro Novo de São Paulo, próximo da Avenida São Luiz, destaca-se também o Conjunto Maximus, construído em 1960 e nomeado posteriormente de Centro Metropolitano de Compras, também conhecido por **Galeria Metrópole** (figura 26).

Figura 26: Galeria Metrópole.Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 67

Projetado pelos Arquitetos Salvador Candia – da turma de formandos do Mackenzie de 1948 – e Giancarlo Gasperini – formado em 1949 pela Università di Roma/Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, – o edifício é um exemplo da Arquitetura Moderna. ‘Seu projeto se origina de um concurso que previa uma galeria comercial nos pavimentos inferiores, sobre os quais seria erguida uma torre de escritórios”. (MARCHELLI, 2016, p.104-5). Fialho lembra que o "edifício- galeria" foi uma configuração de edifício consolidada nos anos 1950, de modo a conjugar funções de comércio e serviços (FIALHO, 2007, p. 99). A proposta confunde a delimitação do público com o privado, com varandas nas quais pode-se sentar e ver o entorno, aliás, segundo Cunha Júnior, a importância do projeto reside no diálogo que estabelece com seu contexto urbano, o Centro Novo da cidade. Um partido arquitetônico que nasce neste momento crucial de modernização urbanística do centro (CUNHA JR, 2007).

O **Edifício Itália** (figura 27), situa-se em um lote de esquina das Avenidas Ipiranga e São Luís. É um empreendimento comercial do Circolo Italiano, tradicional associação da colônia italiana de São Paulo e um dos maiores objetos de interesse turístico do centro da cidade, sobretudo pela vista panorâmica que proporciona e pelo seu célebre restaurante, o Terraço Itália.

Figura 27: Edifício Itália. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 105

Foi projetado em 1956 pelo arquiteto Adolf Franz Heep, formado na Alemanha e discípulo de Adolf Meyer e Le Corbusier, lecionou no Mackenzie de 1958 a 1965. Ainda hoje este exemplar da arquitetura moderna permanece um edifício gigante com 151 metros de altura, 46 pavimentos e uma população flutuante de 25 mil pessoas. Outras propostas foram apresentadas ao Circolo Italiano, tendo sido escolhida a de Heep, entre outros aspectos, por aproveitar melhor o terreno disponível e possibilitar maior rentabilidade (FUJIOKA, 2006), sendo um exemplar a partir do qual podem ser observadas as influências norte americanas dos edifícios altos e a ideia de multiplicação do solo urbano por meio da verticalização (SOMEKH, 1997) De acordo com a análise de Marchelli (2016) o projeto, em sua concepção, primava também pelo diálogo entre as áreas pública e privada, característica do período urbanístico onde a integração e ocupação dos espaços internos e externos era preconizada em diferentes edificações da região central.

Entre o Edifício Itália e o Copan, destacamos ainda o **Vila Normanda** (figura 28), de 1964 projetado pelo Engenheiro-Arquiteto Mackenzista Lauro da Costa Lima, formado em 1941.

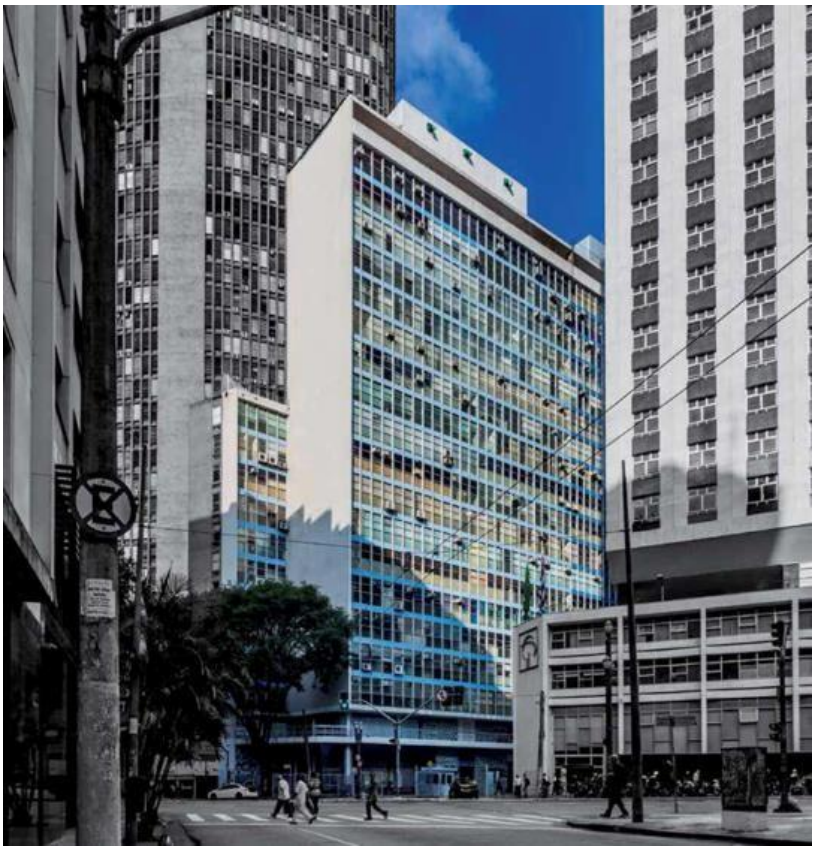


Figura 28: Edifício Vila Normanda. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 95

O edifício comercial de 17 andares e térreo com serviços e via de passagem, ocupa um terreno onde antes existia um conjunto de casas em estilo normando. São também conhecidos os murais pré-moldados de Antonio Maluf, azulejos retangulares esmaltados que revestem a área planejada pelo arquiteto a partir de uma lógica baseada no conceito de arte concreta que transmite a percepção de infinito. Percebe-se aí também uma interação entre a arte e a indústria e um espaço de visibilidade da arte concreta paulista (SANTIAGO, 2009) no vai e vem dos pedestres no centro da cidade.

O Edifício **Copan** (figura 29), de 1966, localizado na Avenida Ipiranga, nomeado "Maciço Turístico Copan" é considerado exemplo das soluções características da arquitetura moderna (CARRILHO, 2014, p.6).

Figura 29: Edifício Copan. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 123

Seu projeto foi uma encomenda da Companhia Pan-Americana (Co-Pan) de Hotéis e Turismo ao arquiteto Oscar Niemeyer para compor as comemorações do IV Centenário de São Paulo em 1954. Sua execução e co-projeto ficaram a cargo do Arquiteto Carlos Alberto Cerqueira Lemos[16], formando da turma de 1950 do Mackenzie. De acordo com Marchelli (2016) o edifício Copan se tornou paradigma do modelo de "cidade vertical" e possui até seu próprio Código de Endereçamento Postal (CEP). (MARCHELLI, 2016, p.68). Ainda em acordo com as colocações de Marchelli, o projeto sinuoso do edifício que abarca uma distribuição das galerias e espaços comerciais no térreo,

[16] Durante os anos 1950 dirigiu o escritório de Oscar Niemeyer em São Paulo, em concomitância ao seu, desenvolvendo os projetos do arquiteto carioca na capital paulista em coautoria. Neste período, detalhou os projetos e acompanhou a construção dos edifícios Montreal, Eiffel, Califórnia, Triângulo e do emblemático edifício Copan. Participou também do projeto do Parque Ibirapuera, como arquiteto júnior; é de sua autoria a configuração e posicionamento do lago do parque e o detalhamento do antigo Palácio da Agricultura, que hoje abriga as instalações do MAC-USP. Paralelamente, atuou junto ao CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) como seu primeiro diretor técnico no período de 1968 a 1981 na defesa do patrimônio cultural e ambiental paulista. (CARLOS Lemos, 2023)

configura um espaço de circulação interno como passeio semipúblico, numa continuidade com o espaço externo, criando um corredor de conexão entre a Avenida Ipiranga, a Vila Normanda, a Vila Unaí e a Rua Araújo, sendo um complexo equipamento urbano.

O espaço exterior integra-se, também, com o interior a partir das generosas aberturas, que são cinco no total. Ainda que o acabamento do piso interno seja diferente do da calçada, a conexão entre ambas as partes, não fica comprometida. Devido à implantação do edifício, as calçadas também se alargam e se integram com o térreo e, consequentemente, estende-se o espaço público. (MARCHELLI, 2016, p.70).

Atualmente o prédio ainda é considerado um ícone da arquitetura e construção utilizando estrutura de concreto armado. Dividido em seis blocos residenciais, possui um total de mil cento e sessenta apartamentos, numa estimativa de cinco mil residentes e mais de setenta estabelecimentos comerciais.

Encerrando o percurso na Rua da Consolação, observamos o **Edifício João Calvino** (figura 30) e por ele chegamos ao **Ed. Mackenzie** onde está o CHCM (figura 31).

Projetado em 1961 pelos Arquitetos mackenzistas Alberto Botti e Marc Rubin, formados pelo Mackenzie em 1955, para sediar a empresa Nestlé.

Figura 30: Edifício João Calvino. Fonte: Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade, 2017 - p. 165

Segundo Botti, este foi o primeiro projeto complexo para os jovens arquitetos que lutavam por reconhecimento (BOTTI, 2002, p. 94). Além da demanda da empresa por espaços de laboratório, escritórios, departamentos específicos, entre outras estruturas para seus 600 funcionários, foi prevista uma central de ar-condicionado, ainda pouco usual em edifícios comerciais da cidade. Recuperar esta sede para a Nestlé, empresa transnacional suíça do setor de alimentos e bebidas, embora demarque aqui o fim do nosso itinerário, é representativo de uma fase importante de entrada de capital estrangeiro no país, na esteira do desenvolvimento industrial que foi impulsionado nos anos 1950. Após a intensa febre da verticalização, do acúmulo cada vez maior de funções no centro da cidade, séries de intervenções viárias e uso intenso do solo, a área central inicia um processo de saturação a partir dos anos 1950 e os novos investimentos serão capitaneados por outras centralidades, notadamente a Avenida Paulista (FIALHO, 2007; MARIANO, 2013). A empresa Nestlé ocupou o endereço até o final dos anos 1990 quando se mudou para outra região da cidade. O edifício foi vendido ao Mackenzie, que já ocupava o terreno contíguo até a rua da Consolação, e o utiliza atualmente para abrigar seus setores administrativos e de pós-graduação. Essa prática da requalificação de edifícios para novos usos é também um rico tema para novas narrativas sobre os usos e

reusos do patrimônio cultural em constante processo de ressignificação.

Atravessando o campus, chega-se ao Edificio Mackenzie, sede do CHCM, a edificação mais antiga do campus Higienópolis. Construída em 1894 sob supervisão do engenheiro Alfred Waddell foi o berço da Escola de Engenharia até a década de 1950.

Após este período o prédio serviu de sede para a administração do instituto até a década de 1990.

Hoje abriga o CHCM e suas atividades educativas e culturais.

O prédio será fechado em 2023 para um novo processo de restauro e readequação dos espaços.

Figura 31: Edifício J. T. Mackenzie. Fonte: Acervo CHCM. Foto de Murillo Medina

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme define Camargo (2015) aos centros de memória cabe preservar, pesquisar e difundir a história e identidade de uma instituição por meio da coleta e salvaguarda de acervos materiais e imateriais, disponibilizando-os para pesquisa e difusão pública, contribuindo para a preservação de sua memória e aproximando-a do público em geral. De certa forma, este aspecto aproxima os Centros de Memória das finalidades do Museu que, por meio de seus acervos e documentos organizados e categorizados deverão, conforme aponta Meneses (2003) ser lugar da identidade, mas como objeto de caracterização e para conhecimento e entendimento de seus suportes, matrizes sociais, funcionamento, efeito, transformações. (MENESES, 2003, p.266).

Convém acrescentar a potencialidade da comunicação do acervo urbano em tela no que se refere à possibilidade de reflexão crítica a respeito da atuação dos mackenzistas na cidade e, por extensão, dos processos de modernização da cidade. O desafio da salvaguarda dessa memória transborda assim, do CHCM para âmbito da gestão urbana. Como contraponto à importância da demarcação do Mackenzie na cidade, o itinerário também chama a atenção para os lugares de memória demolidos para a expansão da metrópole. O caso da Igreja Nossa Senhora dos Remédio, construída na primeira metade do século XIX e ligada aos ideais abolicionistas na capital, exemplifica a cidade como campo de forças, sendo demolida em 1943 em nome da remodelação viária (Gonçalves, 2021), do qual o Plano de Avenidas de Prestes Maia, apresentado

em 1930 talvez seja o maior exemplo de projeto rodoviarista e expansionista, constituindo as bases da progressiva expansão territorial da cidade (SILVA, 2004). A transformação urbana que o itinerário nos convida a analisar indica não só a pluralidade interpretativa do patrimônio cultural e as diversas formas de extroversão do material sob guarda do CHCM, mas também a suscetibilidade dos bens culturais dispersos na cidade frente à valorização fundiária como questão urbana que persiste no tempo presente.

Ao falar sobre o Museu de Cidade, Meneses (2003) chama a atenção para a necessidade de um “fio condutor” que dê sentido aos acervos. “Expor não é simplesmente exibir objetos, mas permitir, por intermédio das relações entre objetos, que se percebam problemas, outras dimensões não aparentes da vida puramente sensorial. (MENESES, 2003, p.273). Essa perspectiva referencia a abordagem pretendida para apresentar o acervo sob guarda do CHCM e aquele ambientado na cidade. Uma ação extramuros que amplia as possibilidades de novas perguntas, inspirando ações expositivas mais interativas e que favorecem a percepção dos habitantes como parte da construção da cidade e sujeitos atuantes, seja na apropriação social que dá sentido às estruturas físicas (artefato), no exercício da territorialidade e na participação ativa em defesa dos seus interesses (campo de forças) ou nas práticas que dão forma e função aos espaços constituídos (representação), à luz do que nos propõe MENESES (2003).

Sem a pretensão de aprofundar todas as questões que envolvem esse intenso período de desenvolvimento da cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX, propusemos apenas uma forma de comunicação museológica que desse conta de um acervo extramuros impossível de ser salvaguardado em um centro de memória. Pela riqueza da ambiência na qual se encontram os exemplares edificados que representam parte da memória mackenzista, somada à diversidade e complexidade de temas e questões que incita, consideramos que itinerários culturais constituem práticas capazes de amplificar as possibilidades de interpretação, estudo e ações de salvaguarda patrimonial.

Por meio da ação de extroversão deste acervo, que é também uma possibilidade de incursão dos turistas pelo centro da cidade, buscamos evidenciar a participação ativa dos mackenzistas nas transformações urbanas que marcaram permanentemente a cidade, propondo uma abordagem deste

legado em diferentes perspectivas, para além de uma leitura estrita de aspectos construtivos, estéticos e estilísticos que poderia ser interpretada como um olhar fetichista, ocultando as problematizações que tais artefatos permitem. Nesse sentido, são profícuas as dimensões do espaço urbano propostas pelo professor Ulpiano para o desvendamento daquilo que dá sentido ao patrimônio cultural. Olhar a cidade e analisar o legado mackenzista interpretando-os em sinergia com o desenvolvimento na cidade pode também iluminar o percurso do CHCM na diversificação de suas narrativas no esforço de incluir outras abordagens da história institucional.

Importa frisar que diante da complexidade do tema da urbanização e da verticalização de São Paulo no início do século XX, suas condicionantes, suas influências, seus agentes, seus efeitos práticos e simbólicos, sua ação implacável no destino da cidade, embora componham o contexto em que foram concebidos os edifícios mackenzistas que tomamos como ponto de partida para nosso itinerário, são questões que ficarão aqui indicadas como possibilidades de percursos e narrativas.

O CHCM precisa ainda se colocar diante dos questionamentos da urbanização de São Paulo. A visão que se tem sobre o acervo ainda é muito baseada em apenas contar os fatos e ressaltar as personagens mais relevantes desta história.

Realizar esta pesquisa e analisar a possibilidade da extroversão do acervo levam a reflexão sobre o trabalho e responsabilidade da curadoria, na cadeia museológica, propondo uma agenda de debates e a estruturação de projetos educativos e uma política de acervo que contemple um maior escopo de agentes da história e memória mackenzista, principalmente a memória que extrapola as paredes e os muros institucionais.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUNHOSA, Eduardo C. **Modernos conservadores ou clássicos progressistas: a construção do ideário moderno na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (1947-1986)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

---------- BREIA, Maria Teresa de Stockler. **Faculdade de Arquitetura Mackenzie: origens e transformações**. *In:* ALVIM, Angélica Tanus Benatti; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; ABRUNHOSA, Eduardo Castedo. **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**. Editora Mackenzie, 2017.p. 75-110.

ALVIM, Angélica Tanus Benatti, ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi, ABRUNHOSA, Eduardo Castedo (orgs). **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70anos: pioneirismo e atualidade**. 1 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

BORJA, Jordi e Castells, Manuel. **As cidades como atores políticos. Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 45, julho de 1996, pp. 152-162

BOTTALLO, Marilúcia. **Museus, museologia e o mundo contemporâneo**. Revista ARTE 21 v. 1, n. 1. - P. 28-37 - Jul - Dez 2013 – Centro Universitário Belas Artes – São Paulo-SP

BOTTI, Alberto. RUBIN, Marc. **Botti Rubin Arquitetos: selected and current works. Mulgrave: Images Publishing Group. p. 9.** (The Master Architect Series V.), 2002

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **As exposições no cenário museal.** In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; WAKAHARA, Julio Abe; CAUHY, Jupira; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; FRANCO, Maria Ignez Mantovani. **Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole**. [S.l: s.n.], 2004. P. 36-47

--------. **Definição de Curadoria: Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial**. Cadernos de Diretrizes Museológicas 2. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. P. 14:33, 2008.

---------. **Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios**. Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia, p. 14-25, 2009.

--------- **Os territórios da memória e a memória dos territórios.** Palestra proferida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 23 de janeiro de 2015 Instituto Brasileiro de Museus. Museus e Turismo: estratégias de cooperação. Brasília, DF: IBRAM, 2015.

CALDANA, Valter, RIGHI, Roberto e FONSECA, Antonio Claudio**. Uma escola, uma cidade**.*in* ALVIM, Angélica A.T. Benatti - org. [et al.]. **Visões do espaço na construção da metrópole: 150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo**. São Paulo: Ed Mackenzie, 2021. P 23 - 40

CAMARGO, Ana Maria; Goulart, Silvana. **Centros de memória: uma proposta**

de definição. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015.

CARLOS Lemos. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa52/carlos-lemos. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

CARMO, César Guimarães do. **A ESCOLA AMERICANA: A idealização e construção de uma estratégia pedagógica protestante na província de São Paulo a partir de 1870 a 1912.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado em Educação e Formação Humana - da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais para a obtenção do título de Mestre. Belo Horizonte, 2017.

CARRILHO. Marcos José. **Relatório do Projeto de Pesquisa: O Centro Histórico de São Paulo: Documentação e estudos de reabilitação – 4ª etapa**. São Paulo: MACKPESQUISA - Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2014.

CUNHA JR. Jaime. Edifício Metrópole: um diálogo entre arquitetura moderna e cidade. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. SP: 2007.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

-------- . **Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia-USP**. Revista CPC, n. 3, p. 69-90, 2007.

FIALHO, Roberto Novelli. **Edifícios de Escritório na Cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 2007

FUJIOKA, P. Y. **O Edifício Itália e a arquitetura das torres de escritórios em São Paulo**. Pós FAUUSP, (19), p.112-127. 2006.https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i19p112-127

GARCEZ, Benedicto Novaes. **O Mackenzie 1870-1960**. 3 ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2021.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. **Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação**. In: BRUNO. Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. V. 1. P. 203-210.

GOMES, Clausi Maria do Porto. **Memória e acervos documentais. O arquivo como espaço de conhecimento**. VIII Seminário Nacional do Centro de Memória – Unicamp. 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP.

GOMES, A. M. de A. **Religião, educação e progresso. A contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado industrial de São Paulo entre 1870–1914**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1999.

-------. **Teologia, ciência e profissão: educação teológica e a identidade profissional do teólogo no Brasil**. In: GOMES, A. M. de A.; JOSÉ, G. de O.M.; ROSSI, L. A. S. Um olhar interdisciplinar sobre teologia e educação. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

-------. **Educação confessional presbiteriana: do pragmatismo protestante ao calvinismo, um longo caminho**. Revista Pistis Praxis, v. 9, n. 3, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.003.DS03 acesso em agosto, 2022.

HACK, Oswaldo Henrique. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil**

confessional. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

---------. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro: uma proposta de universidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Escolas Americanas de profissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens**. São Paulo: Feusp, 1977.

------ **História da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 2006 [1999].

INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE, **Relatório Anual Mackenzie: 1997**. São Paulo, 1997.

------ **Planejamento Estratégico 2012-2020**. São Paulo, 2012.

ITAÚ CULTURAL, **Centros de Memória: manual básico para implantação**. – São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

LEMBO, Cláudio. **Universidade Presbiteriana Mackenzie, no seu cinquentenário**. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 3, p. 11-15, 2002.

LEMOS, Carlos. **Ecletismo em São Paulo**. In: FABRIS, Annateresa (org). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. SP: Nobel/EDUSP, 1987

LOBATO, Nathália Theophilo**. Estylo Chic a Preços Módicos? Gostos e públicos da loja Mappin Store em São Paulo, 1913-1920**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade

de São Paulo. 2008.

MANZO, Rafael. **A invenção da Metrópole**. *In* MINOZZI, Celso L. e MANZO, Rafal – org. **Trajetória histórica, praças e diálogos: 150 anos de Mackenzie e a cidade de São Paulo**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2021. P. 39 - 66

MARCHELLI, Maria Victoria. **Urbanidade: verticalização, densidade e percepção nos espaços urbanos: edifícios como articuladores e estruturadores de urbanidade no centro expandido da cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2891> visualizado em 19 de março de 2022.

MARIANO, Denis Alves. **O panorama atual da requalificação de edifícios de escritórios na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros do Brasil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDES, M. **A Escola de Engenharia "Mackenzie College" e a questão do reconhecimento (1932–1938)**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação, Artes e História da Cultura) – Centro de Educação Filosofia e Teologia – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1999.

--------. **Mackenzie em Movimento: Conjunturas decisivas na história de uma instituição educacional.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

----------. O curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie e a figura de seu criador, Christiano Stockler das Neves (1917-1947). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

---------. **O Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie**. *In:* ALVIM, Angélica T. Benatti; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; ABRUNHOSA, Eduardo Castedo. **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**. Editora Mackenzie, 2017. p. 39-74

---------, Marcel. **Mackenzie no espelho: Uma história documentada da cassação ao reconhecimento dos cursos de engenharia (1932-1938).** São Paulo: Editora Mackenzie, 2010.

------ **Tempos de transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973)**. – 2.ed. – São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

MENESES, Ulpiano B. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N.Ser v.2 p.9-42 jan./dez.1994.

------ **Os usos culturais da cultura**. In: YAZIGI, E. et al. (org.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: Hucitec, 1996.

------ **Memória e cultura material: documentos pessoais e espaço público**. Estudos Históricos, São Paulo, n. 21, p. 89-103, 1998.

------ **O Museu de cidade e a consciência da cidade**. Conferência no Seminário Internacional "Museus & Cidades". Livro do Seminário Internacional / organização: Afonso Carlos Marques dos Santos, Carlos Kessel, Cêça Guimaraens. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. P. 255-82

------- **Os Museus e as Ambiguidades da Memória: A Memória Traumática**. Conferência 10º Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina, SP, 2018.

MOTA, Carlos Guilherme. **Pioneirismo e atualidade: afirmação de uma**

Escola. *In:* ALVIM, Angélica T. Benatti; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; ABRUNHOSA, Eduardo Castedo. **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**. Editora Mackenzie, 2017. p.25-28.

MOTTA, Lia. **O patrimônio das cidades. Conferência no Seminário Internacional "Museus & Cidades".** Livro do Seminário Internacional / organização: Afonso Carlos Marques dos Santos, Carlos Kessel, Cêça Guimaraens. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P. 123-153.

PAES-LUCHIARI, Maria Tereza Duarte. **Centros Históricos, Mercantilização e territorialidade do Patrimônio Cultural Urbano**. Revista GEOgraphia, 2006, ano 7, n. 14.
Disponível em: http//periódicos.uff.br/geografia/article/view/1390/8690

PAZIN, Marcia. **A importância dos centros de memória para as instituições e para a sociedade**. ITAU CULTURAL .2015: Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/a-importancia-dos-centros-de-memoria-para-as-instituicoes-e-para-a-sociedade. Acesso em julho 2022.

QUEIRÓS. António dos Santos. **Os Museus e o Novo Paradigma do Turismo**. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume2. pp 312-323.

RIBEIRO, B. **Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Presbiteriana, 1981.

RICHARDS, Greg. **Turismo Cultural: padrões e implicações**. In: **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. CAMARGO, Patricia e CRUZ, Gustavo (orgs). Editora da Universidade de Santa Cruz – UESC: Ilhéus, 2009.

RUSSIO, Waldisa. **Museu, Museologia, museólogos e formação**. Texto publicado na Revista de Museologia, São Paulo:IMS/FESP, n.1, 1989.

SALES. Gladys Mary Santos. **Arqueologia e edificação - a representação da identidade da elite paulistana a partir da construção do Edifício Altino Arantes - o "Banespão", na década de quarenta**. Revista Memorare, Tubarão. v. 1, n. 3, p. 68-95, ago./set. 2014.

SANTIAGO, Stela Elia Martins. **Antonio Maluf: arte concreta na arquitetura moderna paulista (1960/70).** Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. São Paulo, 2009.

SIMONI, Lucia Noemia. **A planta da cidade de São Paulo de 1897: uma cartografia da cidade existente ou da cidade futura?**. Arquivos do Museu Natural e Jardim Botânico - Universidade Federal de Minas Gerais. v. 20 n. 2, p.301-28. Belo Horizonte, 2011.

SILVEIRA, I.O. **O passado presente na memória: investigação do acervo fotográfico do Centro Histórico e Cultural Mackenzie.** São Paulo: MACKPESQUISA - Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2018.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Edusp, 1997.

TRAGANTE. Cinthia Aparecida. **Progresso e problema urbanos de São Paulo representados nas revistas técnicas no início do século XX**. Seminário Urbanismo e Urbanista no Brasil - Anais do III SUUB - Seminário Urbanismo e Urbanistas no Brasil, Urbanistas e urbanismo moderno: trajetórias múltiplas e juízos historiográficos. Recife - PE, 2017, p. 162-176.

ZUFFO, Élida Regina de Moraes. **Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2572> Acesso em 19 de março de 2022.

WADDELL, W.A. **Mackenzie College: escola americana. Notas sobre a sua história e organização.** São Paulo: Tipografia Siqueira, 1932

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

WHITEHEAD, Christian. **History Displayed: museography and the notion of "territory" in post-war-Italy**. Revista de História da Arte e Arqueologia da UNICAMP. N. 4. Ago/2000

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e museus**. – São Paulo: Aleph, 2006.

VARINE, Huges de. **Museus e desenvolvimento social- um balanço crítico**. In BRUNO, Maria Cristina de Oliveira e NEVES, Kátia Regina Felipini (orgs). **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**. São Cristovão, Museu de Arqueologia do Xingó – Universidade Federal do Sergipe, p. 11:20, 2008.

------ **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VITORIANO, Marcia Cristina de Carvalho Pazin. **Obrigação, Controle e Memória: Aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor. São Paulo, 2011.

WEBSITES CONSULTADOS

Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional.
Disponível em http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276.

Última visualização em 20 de maio de 2020.

Prefeitura Municipal de São Paulo.
Disponível em
https://www.prefeitura.sp.gov/cidade/secretarias/subprefeituras/se.
Última visualização em 20 de maio de 2020.

Secretaria Municipal de Turismo de São Paulo.
Disponível em www.prefeitura.sp.gov.br › Secretarias › Turismo.
Última visualização em 29 de outubro de 2022.